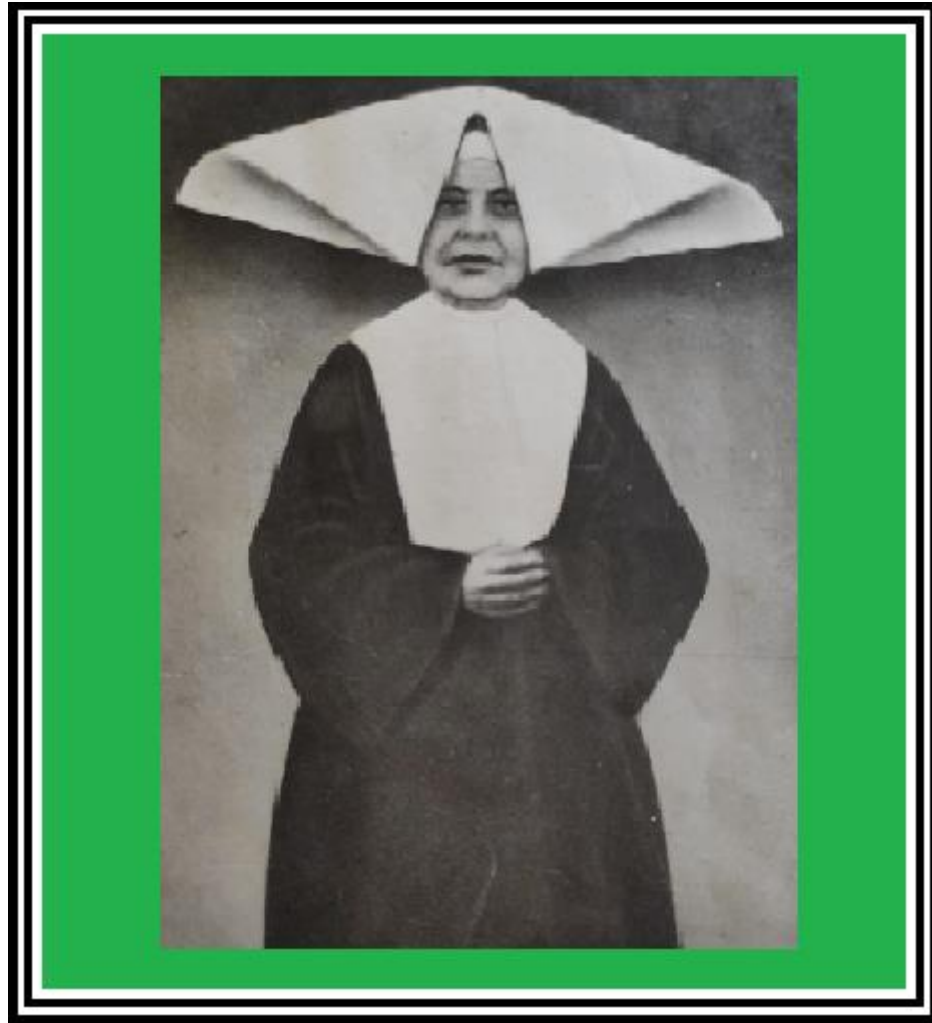


MURILO ALVES BESSA



IRMÃ CLEMÊNCIA
a que serviu até o fim

Endereço do autor:
Rua São Paulo, 726
62760 – Baturité – Ceará

B557i

Bessa, Murilo Alves

Irmã Clemência, a que serviu até o fim – Fortaleza;
Secretaria de Cultura e Desporto, 1991

120p.

1. Clemência, Irmã. I – Título

CDD - 922

Murilo Alves Bessa

**IRMÃ CLEMÊNCIA,
a que serviu até o fim**

Fortaleza – Ceará

1991

SECRETARIA DA CULTURA E DESPORTO

DEDICATÓRIA

Este opúsculo ou monografia é dedicado em primeiro lugar à Santa Igreja, Povo de Deus, e, em segundo, às Filhas de São Vicente de Paulo, conhecidas por Irmãs de Caridade ou Vicentinas, da Província do Ceará. Aos caros Confrades Vicentinos e Confreiras, para que ponham em prática o grande exemplo que nos legou a grande e humilde Irmã Clemência, que soube testemunhar, em vida, o Filho de Deus. Servindo, servindo e mais servindo ao pobre, à órfã, ao doente, à viúva abandonada, ao presidiário e a todo povo pobre do campo, porque via em cada um daqueles rostos sofredores a face de perdão e amor do Cristo libertador.

A biografia da Serva de Deus foi feita, mediante documentos de veracidade com provada, cujos originais encontram-se arquivados na Casa Provincial das Filhas da Caridade - Fortaleza-Ceará.

Seria egoísmo de minha parte dizer que a presente é minha autoria. Não. Absolutamente, não. Agradeço à "Comissão Irmã Clemência" da qual faço parte, mas uma especial gratidão aos demais, o Exmo. Sr. Capitão Miguel Edgy Távora Arruda, Da. Maria Adelina Furtado de Arruda e o Exmo. Sr. Astrolábio Batista, de saudosa memória, autor dos primeiros dados biográficos da grande e humilde Filha da Caridade. Todos eles, bondosa mente, ajudaram-me, quando solicitados a dar uma opinião correta sobre este trabalho.

O agradecimento especial ao Exmo. Sr. Comendador Dr. Luís Sucupira, vicentino ardoroso, que fez a revisão do trabalho com amor e dedicação, e, de posse dos documentos, deu polimento à redação, emocionado e ao mesmo tempo empolgado com sérios depoimentos, adicionou tópicos importantes, não por mim percebidos. A ele, o meu apreço, toda estima e consideração, pela relevante colaboração.

O reconhecimento sincero pelo prestimoso não tão fácil trabalho prestado pelas Revdas. Irmãs da Casa Provincial - Fortaleza-Ceará.

Por isso, digo, fomos todos nós que o fizemos para a maior glória de Deus e honra da Santa Igreja.

Baturité, 27 de setembro de 1990

Festa de São Vicente de Paulo

MURILO ALVES BESSA

(Confrade Vicentino)



Foto da Irma Clemência, tirada em 19 de julho de 1947, no pátio interno do Patro nato de N. S. do Livramento, Baturité-Ceará. Hoje, Hospital e Maternidade

APRESENTAÇÃO

Acabo de ler com admiração e enlevo, bendizendo a Deus "admirável nos Seus santos", as páginas ardentes e singelas que cristãos de Baturité, através do Sr. Murilo Alves Bessa, apóstolo desta causa, fizeram chegar às minhas mãos.

A primeira impressão que me causaram foi de edificação e alegria, seguidas de ação de graças ao Bom Deus pelo que está me parecendo, salvo melhor juízo, nova e oportuna demonstração de Seu amor aos homens do nosso tempo. Não se trata propriamente de uma biografia erudita ou de alto estilo. Bem ao invés, tudo aqui é muito simples, aperfeiçoável mesmo, se se olha à redação: em vez de estudos, depoimentos; testemunhos de vida, em vez de elucubrações. Figuras de relevo em nossos meios literários, até elas, nestas páginas, parecem primar pela despreensão e pela singeleza.

Por quê?

Por não darem maior importância à pessoa ou à causa em foco? Mas o contrário é o que se pode ver. Todos se mostram espontânea e profundamente convencidos da grandeza das virtudes, quiçá da santidade mesma, da humilde Religiosa, cuja vida recordam edificados, mas por uma edificação que vai além, muito além da admiração aos heróis das telas ou dos gramados e com uma emoção que, em alguns casos, se converte em lágrimas e outras vezes se cristaliza em conversão.

Estaríamos então diante do testemunho de pessoas que simplesmente exprimem o resultado da sua experiência de quem vislumbrou em vida o esplendor da santidade de Deus em alguém do seu círculo de amizade? Pessoas que, ao presenciar uma e mais vezes nos gestos, nas palavras ou no olhar de frágil criatura aqui na terra alguma coisa própria do céu, foram tomadas daquele inesperado e salutar espanto do antigo patriarca ao despertar do sono que o conduzira ao constelado universo dos anjos e das estrelas e ao exclamar. Betel! "Verdadeiramente Deus está aqui e eu não o sabia!" (Gn.28,16). Experiência, ou antes experiências (de pessoas e de um povo) que marcam toda uma vida e que levam a concluir: realmente só Deus é santo! Todo domingo nós católicos o repetimos: "Só Vós sois Santo!" Este, o frêmito inefável que a Sua presença desperta em nós: onde existe um Santo, Deus aí está! Por isso - e evocando agora um pensamento de Léon Blois - é sobretudo de santos que tem urgente necessidade o mundo de hoje.

Mas... por que essa preocupação com um santo a mais, se já existem e tão numerosos? Tanto os que a Igreja - Pastores e Povo de Deus - autenticamente têm reconhecido e proclamado através dos tempos, quanto aqueles outros verdadeiramente sem conta ("uma grande multidão que ninguém podia contar, de toda a nação, tribo, povo e língua. .." Ap. 7,9) que por aí ficaram recolhidos nos escaninhos da história, com aquele desconhecido homem do povo que:

"Realizou na vida a perfeição da alma

Porque foi um justo como a lua é calma,

Porque foi um santo sem saber que o era"? (Cf. Guerra Junqueiro, Os Simples).

Deus "admirável nos Seus Santos" tem, também Ele, os Seus caminhos. E me diante a percepção da fé (o "sensus fidei", Vaticano II, L.G.12) de que dotou o Seu Povo fiel, sabe fazer sentir, quando se faz mister, aos seus Pastores o momento de os reconhecer e proclamar para edificação e proveito de todos.

Estaria isto acontecendo agora em relação à Irmã Clemência? Esperemos sem açosamentos nem precipitações, confiados na ação da Sua graça, a manifestação do desígnio do Senhor.

Do que tem acontecido até agora, o que se pode certamente declarar é que tudo vem sucedendo dentro da fiel observância das normas que regulam tais processos, sendo o resultado da espontânea edificação de cristãos atraídos pelo exemplo de virtudes de uma pessoa com quem por longos anos conviveram; de quem todo um povo parece atestar e guardar a certeza de autêntica santidade; em obediência e plena aceitação, daí em diante, da orientação dos seus legítimos Pastores, em nada se antecipando ao julgamento oficial da Santa Igreja; e em humilde oração ao Pai a fim de que Ele mesmo manifeste a verdade para maior esplendor da Sua glória e para a edificação do Seu Povo santo e pecador, beneficiário sob estes dois aspectos do reconhecimento e da proclamação, pela Autoridade Suprema da Igreja, da realização da autêntica santidade de Cristo em mais um - e este nosso! – dos Seus Santos!

Fortaleza, 18 de agosto de 1984.

DOM MANUEL EDMÍLSON DA CRUZ

Bispo auxiliar

SUMÁRIO

Cidade Gloriosa.....	9
A Família.....	11
Vivendo Cristãmente.....	14
A Decisão Suprema.....	16
Postulante.....	18
A Noviça.....	19
Irmã de Caridade.....	20
Sorriso Contagiante.....	22
Um Teste Inesperado.....	25
Encontro com as Provações.....	26
Os Desígnios de Deus.....	27
Intimação Inusitada.....	29
Volta ao Aprisco.....	31
Baturité.....	33
As Curas Numerosas.....	38
A Voz do Povo.....	39
Reflexão.....	40
Uma Ideia Feliz.....	42
Exemplo Vivo.....	44
Os Cireneus.....	46
O Pecado de Irmã Clemência.....	47
O Ambulatório.....	51
A Escrava.....	52
A Enferma Incansável.	53
Forte como o Cedro do Líbano.....	55
Viagem à Casa do Pai.....	56
Sepultamento.....	57
Depoimentos.....	60
Pedidos de Vice - Postulação para a Causa de Beatificação de Irmã Clemência.....	80
Vice - Postulação Autorizada por Dom Aloísio Cardeal Lorscheider.....	91

Homenagem Póstuma.....	92
Pensamentos sobre a Pessoa de Irma Clemencia.....	93
Graças Alcançadas.....	105
Tríduo ou Novena.....	107

CIDADE GLORIOSA

A cidade de Redenção, distante 66 quilômetros de Fortaleza, deve este nome ao fato de haver sido o primeiro núcleo populacional do Brasil a estabelecer oficialmente, e por vontade dos seus habitantes, a abolição da escravatura. Isso ocorreu em 1º janeiro de 1883, quando o povo da cidade, que, até então, se chamava Acarape, proclamou o grande feito, daí resultando a mudança da denominação para Redenção, em virtude da Lei nº 2.167, de 1889.

A cidade tornou-se, assim, gloriosa, pois mesmo no Ceará, que foi a primeira Província do País a estabelecer a emancipação total dos escravos nela existentes, isso somente veio a fazer-se em 25 de março de 1883, e o Brasil inteiro adotou a medida em 13 de maio de 1889.

De acordo com o relato do eminente Arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa, no livro **Notas a Lápis**, que esteve na Região em Visita Pastoral, "é bela a posição da cidade, ao pé dos contrafortes da Serra do Acarape". "Ao norte ergue-se uma serra que logo nas suas fraldas é ornada por um monumento - a Capela de São Miguel Arcanjo". O município estende-se pelo vale do Rio Acarape que, em certo trecho do seu curso, toma o nome de Pacoti e isso proporciona terreno de muita fertilidade, predominando na zona a cultura canavieira. E, por estar cercada de compacta vegetação, já recebeu o lugar o nome de Cidade Vergel.

A Igreja Matriz tem como orago Nossa Senhora da Conceição e a paróquia está subordinada à Arquidiocese de Fortaleza. A freguesia foi criada em 5 de dezembro de 1868 e instituída canonicamente em 24 de agosto de 1869.

Grupo fotografado em 1902, em Fortaleza, na fotografia Olsen.



De pé: A avó paterna, Maria Francisca do Nascimento, a mãe, Francisca Saraiva de Oliveira.

Sentados: O pai, José Joaquim de Oliveira (Dedé); a avó materna, Antônia Saraiva da Silva.

Filhos do casal: Francisca Benícia de Oliveira (Benicinha), depois Irmã Clemência - José de Oliveira Filho, 2º filho (Zeca), Antônio Saraiva de Oliveira (Toinho), no colo do pai, Rosa de Lima Saraiva de Oliveira (Rosilda) depois Irmã Vicência de Oliveira, no colo da mãe.

A FAMÍLIA

No dia 3 de outubro de 1895 realizava-se na pequena cidade de Acarape (depois Redenção) o enlace matrimonial do jovem José Joaquim de Oliveira, ali nascido em 3 de outubro de 1872, com Francisca Saraiva de Oliveira, nascida no distrito de Guaiúba, no vizinho município de Pacatuba, em 16 de novembro de 1875. O casamento foi presidido pelo vigário Padre Luís Bezerra da Rocha, homem de sólida cultura, ilustre e talentoso, que se colocou com entusiasmo ao lado dos que se bateram pela abolição da escravatura no município, tendo o mesmo sido orador incumbido da saudação à comitiva dos chamados "libertadores" que viajou de Fortaleza para confraternizar com os vitoriosos acarapenses.

O noivo era filho de Antônio Joaquim de Carvalho, nascido na cidade de Limoeiro, Ceará, em 12 de abril de 1834, daí transferindo-se para Redenção, onde faleceu em 23 de janeiro de 1891, casado com Maria Francisca do Nascimento, também de Limoeiro, que veio residir em Redenção, falecendo em Maranguape, em 31 de outubro de 1915, onde passara a residir após enviudar. A noiva era filha de Joaquim Ramos da Silva, nascido na cidade de Jaguaribe, Ceará, em 1844, vindo a falecer em Guaiúba em 1877, casado com Antônia Saraiva da Silva, nascida em Guaiúba em 13 de dezembro de 1853, vindo a falecer em Fortaleza, em 26 de fevereiro de 1943.

Iniciando sua vida matrimonial, José Joaquim de Oliveira passou a morar em modesta casa, situada atrás da Igreja Matriz. Rapaz de bons costumes, trabalhador e ordeiro, não teve muita dificuldade em adaptar-se à nova vida.

E logo começaram a surgir os filhos do casal, que chegaram a atingir o número de 14, na seguinte ordem cronológica:

Francisca Benícia de Oliveira (Benicinha), nascida em 23 de agosto de 1896, batizada em 29 de agosto de 1896.

José de Oliveira Filho (Zeca), nascido em 21 de janeiro de 1898.

Antônia Saraiva de Oliveira, nascida em 11 de agosto de 1900.

Maria do Carmo Oliveira, nascida em 22 de janeiro de 1899.

Rosa de Lima Saraiva de Oliveira (Rosilda), nascida em 30 de agosto de 1901.

Eliezer de Oliveira, nascido em 16 de fevereiro de 1903.

Cristeta Saraiva de Oliveira, nascida em 30 de junho de 1904.

Maria da Natividade de Oliveira (Nativa), nascida em 8 de setembro de 1905.

Aristeu de Oliveira, nascido em 21 de dezembro de 1906.

Alzira de Oliveira, nascida em 24 de fevereiro de 1908.

João de Oliveira, nascido em 30 de junho de 1909.

Francisco Saraiva de Oliveira, nascido em 29 de setembro de 1910.

Jorge Saraiva de Oliveira, nascido em 12 de outubro de 1912.

Maria dos Anjos, nascida em 2 de agosto de 1914, falecendo em seguida e acarretando a morte de sua mãe.

Para sustentar a prole que ano a ano aumentava, tanto o marido como a esposa desdobravam-se nas lides caseiras. Francisca, às voltas com a criação dos filhos, e José Joaquim, nos trabalhos do campo e no cultivo da terra. Para atender melhor à manutenção da família sempre a crescer, conseguiu adquirir um carro de boi, com o qual, aos sábados, executava serviços de fretes, transportando para negociantes da cidade mercadorias deixadas pelos trens na estação ferroviária de Calaboca, que ficava distante.

À medida em que os meninos cresciam fazia-se necessária a frequência à escola, pelo que muito se interessavam os pais, que não queriam vê-los analfabetos. Para tanto, chegavam a fazer grandes sacrifícios. Frequentar escola, na época e no lugar, era coisa não só difícil, pela escassez, como, também, pelos reduzidos recursos dos pais, impossibilitados quase sempre de recorrer ao ensino pago.

Por isso, mesmo desejando conseguir instrução, ou tinha de permanecer na ignorância ou contentar-se com o rudimentaríssimo do ensino oferecido pelos po deres públicos.

Entre os filhos do casal Oliveira que frequentavam a escola, passou a distinguir-se, não só por ser a mais idosa, como pela vontade de aprender, no que era ajudada por uma inteligência vivaz, a menina Francisca Benícia, chamada em família de Benicinha. Com o crescer em idade, mais se acentuava seu amor ao estudo. Em vista disso, seus pais, no intuito de aliviar as despesas com o aprendizado da filharada, passaram aos seus cuidados a incumbência de desarnar os ir mãos, como se dizia, o que ela passou a fazer com muito jeito e satisfação, sem, no entanto, deixar de lado sua participação nos trabalhos caseiros.

Ao mesmo tempo, ia Benicinha acentuando seu interesse pela vida religiosa, não só participando com assiduidade das aulas de Catecismo, que eram dadas na Matriz por algumas catequistas, como aumentando sua frequência Igreja, chegando mesmo a tomar parte no coro. Já mocinha, podia avaliar o sacrifício dos pais para manter a família bastante numerosa. Procurou, então, um meio de ajudá-los no que lhe fosse possível. Como tinha certa queda para a costura, que era feita à mão, adquiriu a crédito uma máquina de costura, passando depois a procurar encomendas, o que não lhe custou muito encontrar, pois revelava-se perita na arte, chegando mesmo a receber o nome de modista, na pequena cidade.

Desta forma, com seu trabalho, passou a proporcionar relativo amparo à família, amenizando as aperturas financeiras dos pais e, com isso, melhorando o parco orçamento doméstico. Apesar dos encargos trazidos pelas encomendas da freguesia, continuava a ajudar a mãe nos seus afazeres domésticos e a dedicar algum tempo à alfabetização dos irmãos mais novos.

Naquele lar humilde, mas venturoso, decorria a vida normalmente, cada um entregue às suas ocupações, ajudando-se mutuamente nos trabalhos caseiros, os mais velhos cuidando dos mais moços, enquanto o pai e a mãe se entregavam às exigências da manutenção do lar.

Enquanto isso, as atividades religiosas de Benicinha encontravam sem pre ocasião para manifestar-se. Todas as noites rezava o terço em família, e não só frequentava as

missas dos domingos como era cuidadosa em estimular o comparecimento às mesmas por todo o seu pessoal.

Embora ainda não estivesse em vigor o Decreto do Santo Padre Pio X, de 1905, concernente à comunhão frequente ou cotidiana, somente se tendo por obrigatória a recepção do Sacramento do ciclo pascal, isso não era motivo para que deixasse ela de receber muitas vezes a Santa Comunhão no correr do mês. Adotava, igualmente, a recitação diária do Ofício de Nossa Senhora, atraindo, para acompanhá-la, muitas pessoas.

A primeira Comunhão, conforme regra então vigente na Igreja, somente se fazia pelos doze anos. Foi com o decreto **Quam Singulari**, de Pio X, assinado em 1910, que passaram as crianças a participar da Sagrada Mesa. Pode-se dizer, portanto, que a família de Joaquim Oliveira vivia uma vida normalmente cristã.

Acontece, porém, que, no término de sua décima quarta gestação, o parto de Dona Francisca apresentou muitas dificuldades, que a assistência de parteira curiosa não conseguiu afastar. E, não havendo médico, nem mesmo enfermeira, ao alcance, acabou ela falecendo de infecção puerperal no dia 25 de agosto de 1914, após ter perdido a criança que ainda pôde receber o batismo.

É de avaliar a repercussão que o lutulento desenlace provocou no seio da desventurada família, na qual era a falecida grandemente estimada por quantos dela necessitavam. O viúvo inconsolado e os 13 filhos que iam dos 18 aos 2 anos de idade, entregues à maior desolação, cristãmente aceitaram os desígnios da Providência e procuraram, na conformidade com eles, enfrentar as vicissitudes que o inesperado e lamentável acontecimento arrastava. E, por ser Benicinha a mais idosa das irmãs, que já vinha tanto contribuindo para a harmonia e a ordem no lar, coube a ela, nos seus 18 anos, assumir as responsabilidades da direção da casa, o que fez corajosamente, sem abandonar suas costuras, sem deixar de atender aos irmãos nem afastar-se de suas devoções religiosas.

E foi assim que, muito jovem, teve Benicinha que se entregar, na sua plenitude, à direção dos pesados trabalhos caseiros, juntamente com os cuidados carinhosos prestados ao querido pai. E, assim, já cedo na vida, torna-se prática, ativa, diligente, prestimosa, sem encarar serviços e sem externar a mínima insatisfação.

VIVENDO CRISTÃMENTE

Tanto no lar como entre os habitantes da pequena cidade de Redenção apresentava-se Benicinha como modelo, no que dizia respeito às atividades de dona de casa e piedade cristã. Continuava, todas as noites, a rezar o terço em casa, de joelhos, com o pai e os irmãos, Aos sábados, recitavam, piedosamente, o Ofício de Nossa Senhora. Não faltava à missa nos domingos e dias santos, acompanhada do pai e dos irmãos, e tomava parte nos cânticos corais.

Tinha grande devoção pelo Coração de Jesus e as primeiras sextas-feiras do mês eram para ela motivo de grande satisfação, comungando e permanecendo longo tempo na Igreja, em religioso colóquio com Jesus Sacramentado, que ficava em exposição. Naqueles encontros mensais com o Rei Celeste nada pedia e só fazia agradecer. Não raro os irmãos, que vinham espioná-la, viram-na derramando lágrimas diante de Jesus-Hóstia.

O mês de maio era para ela como um salmo de exultação que lhe proporcionava motivos de santa alegria e lhe oferecia ocasião para dedicação toda especial à Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus. Jejuava discretamente às sextas feiras pela conversão dos pecadores e santificação dos sacerdotes. Aquela vida de sacrifício, de jejum e de oração, tanto em casa como na Igreja, era motada e admirada pelos seus e no meio em que vivia. Naturalmente alegre, a sua alegria, que lhe proporcionava no íntimo paz espiritual, despertava satisfação em quantos dela se aproximavam.

Era Vigário de Redenção, desde 1911, o Padre Luís Carvalho Rocha. Ordenado em 1908, depois de ter assistido o Vigário de Maranguape, trouxe para o paróquio, com a sua juventude fervorosa, um ardoroso espírito apostólico, adquirido na sua formação sacerdotal no velho Seminário da Prainha, em Fortaleza.

De logo se impôs perante os seus paroquianos que lhe apreciavam não só a edificante piedade como a atuação estimulante, auxiliada por uma oratória sacra das mais atraentes.

Sua palavra era agradavelmente acatada. Grande devoto de Santa Rita de Cássia, conseguiu edificar-lhe um templo no sopé da serra e que, pela sua construção em estilo gótico, toda pintada de branco, chama a atenção de quantos se aproximam da cidade. Como informa Dom Antônio de Almeida Lustosa, "bem perto começa uma estrada ziguezagueante, em demanda do cume próximo. Ao longo dessa estrada, a breves espaços, erguem-se as estações da Via-Sacra. Esse caminho sinuoso, pontilhado de pequenos monumentos, termina ao pé de um cruzeiro que estende os braços na amplidão e projeta a sua sombra, como uma grande bênção sobre a cidade redentora dos escravos".

O Padre Luís Rocha, notando a piedade com que Benicinha se entregava ao culto religioso, procurou, como seu confessor, desenvolver no seu espírito uma religião baseada em conhecimentos mais edificantes.

Foi assim que passou ela a aperfeiçoar sua formação espiritual até então superficialmente adquirida.

Inteirando-se melhor do verdadeiro amor de Deus e da necessidade de quem pretendesse a perfeição, precisa, como disse Jesus Cristo, deixar pai e mãe e tomar a sua cruz e O seguir, entrou em considerações a esse respeito.

Sua alma, movida por uma natural sensibilidade, sentia-se comovida com a ressonância dos conselhos recebidos e das explicações oferecidas, como se um eco prolongado lhe desse a impressão esclarecedora da bondade infinita de Deus.

Passou, então, a ouvi-los, como convite para a vida religiosa. Mas não ignorava que para atender o chamado que lhe fazia Nosso Senhor era inafastável o sacrifício - o sacrifício de abandonar o que lhe era mais caro até então, sua família, a quem se julgava obrigada assistir, a começar pelo pai a quem tanto estimava e que sabia muito necessitar da sua presença. Já se escreveu que, de todas as vocações, a vocação para o sacrifício é a mais misteriosa, a mais sublime e a mais divina, e, por isso mesmo, a mais rara.

A DECISÃO SUPREMA

Chegou o dia em que, aproveitando uma conversa com o pai, Benicinha fê-lo ciente da sua intenção de ser freira, pois de há muito vinha sendo empolgada por essa ideia. Havia voltado suas preferências para as Filhas da Caridade, também conhecidas por Irmãs de Caridade. Queria empunhar com elas o estandarte de São Vicente de Paulo, dar-se de corpo e alma, com todo o zelo, aos pobres, porque sentia, bem de perto, o agulhão que os perseguia no desprezo a que eram relegados por todo o mundo.

O senhor Joaquim ouve calmamente a comunicação de sua querida filha e responde, como querendo desviar o assunto: "Vou pensar, minha filha, e ver como se pode atender a essa pretensão de ser freira".

Falando sobre o assunto, mais tarde, a irmã de Benicinha, Cristeta de Oliveira, residente na cidade de Maranguape, deu a seguinte informação: "Para papai aquelas palavras de minha irmã foram como profundo golpe no coração". É ele não queria, por consideração alguma, que a filha viesse a ser religiosa, o que representava uma dolorosa separação, nem desejava perdê-la para sempre.

Benicinha tornara, porém, inabalável a sua decisão, mesmo sabendo como iria ela repercutir no seu lar, diante das obrigações nele assumidas. A vocação sincera tornava mais firme sua vontade. Mantinha decidido o seu propósito de doar-se totalmente a Deus pelo amor dos pobres. E por isso voltou a comunicar ao pai o desejo incontido de ser religiosa: "Queria tornar-se Irmã de Caridade, da Congregação das Filhas de São Vicente de Paulo".

O senhor Joaquim percebeu que a filha estava dominada pelo chamado do Divino Mestre. Andava acabrunhado, trabalhava com grande tristeza. Chamando a filha, observa que, fosse ela para o convento, iria fazer muita falta a ele e, especialmente, aos irmãos mais novos. Depois, o que seria da casa sem tê-la à frente de tudo como vinha ocorrendo desde a morte da mãe?

Apelando, então, para um recurso que lhe parecia de grande efeito em seu favor, propôs-lhe uma reunião com os filhos, para que todos juntos apreciassem a decisão dela e dessem um parecer em face da situação.

Achava o senhor Joaquim, homem religioso, humilde, mas honesto e justo, não dever nada resolver por si só e, muito menos, impor sua vontade naquela casa em que era notável a voz de Deus.

Assim, reunidos os filhos, Benicinha presente, pergunta a um por um se estão de acordo que ela deixe a sua companhia para ser freira. Sem titubear, todos responderam que sim.

Em face de tão firme atitude dos filhos, o senhor Joaquim entrou a soluçar, num pranto demorado, no que era seguido por eles em copioso choro. Só Benicinha mantinha-se tranquila e, dirigindo-se aos irmãos, tinha para cada um palavras de conforto, também fazendo ao pai apelos filiais para que aceitasse poder realizar sua vocação.

Diante disso, todos, mesmo abalados pela tristeza, viram naquela decisão um chamado divino a que não se podia deixar de atender. Aceitaram, pois, de boa mente

concordar com o desejo de Benicinha, certos de que aquele passo tinha sido decidido no Céu e que uma grande caminhada evangélica estava traçada para Benicinha.

Benicinha, apesar de grandemente emocionada, resiste ao pranto inconsolável do pai e dos irmãos, sem deixar transparecer qualquer sinal de fraqueza da vontade ou de sentimento do coração. E calma, dominava aquele ambiente de tristeza e desalento, mas dominando, sobretudo, os seus sentimentos de filha amorosa e de irmã dedicada.

Ciente do que havia ocorrido e satisfeito com a decisão favorável da família, o vigário, Padre Luís Rocha, encarregou-se de orientar muito bem a futura religiosa como também de mostrar ao senhor Joaquim e filhos como deveriam sentir se felizes por doarem a filha e irmã a Jesus Cristo, Pai amoroso e que tanto necessitava de continuadores na sua obra de salvação da humanidade.

Chegando a hora da separação, quando teria de partir para atender ao chamado do Bom Pastor, Benicinha, a despedir-se do pai querido e dos irmãos, muitos ainda pequeninos, chama a irmã Toinha que iria substituí-la no trato da casa, ficando em seu lugar, e diz-lhe: "Minha irmã, cuide com muito carinho, zelo e paciência do papai e dos nossos irmãozinhos. Não deixem de continuar rezando o terço em família todos os dias. Rezem por cada um e por todos que eu também rezarei sempre por vocês".

Aproximando-se a hora da partida, o senhor Joaquim abraça comovido a filha que lhe beija a mão, enquanto ela chora comovidamente. E um pranto de saudade, e uma tristeza incontida invade seu mundo interior. No entanto eleva sua alma a Deus, pedindo-lhe apiedar-se de seu tormento, recuperando a paz e a alegria, o que felizmente veio a ocorrer, conformando-se inteiramente com a vontade do Alto.

Benicinha dirige-se também aos irmãos, apertando-os nos braços e, nesse momento, não pode conter as lágrimas que rolam abundantes pelo rosto. Mas, tentando disfarçar a angústia, ensaia meigamente um sorriso, o que já era prenúncio da felicidade que lhe ia proporcionar sua vida de religiosa.

Não sabia o senhor Joaquim que o caminho que ia trilhar sua Benicinha seria repetido, mais tarde, por duas outras filhas que também se fizeram Imãs de Caridade.

A primeira foi Rosa de Lima Saraiva de Oliveira, conhecida por Rosilda, nascida em 30 de agosto de 1901, que, na ausência de Benicinha, ajudou a cuidar dos irmãos, mas, atendendo ao chamado de Jesus Cristo, também se fez Imã de Caridade, tomando o nome de Irma Vicência, passando a exercer o cargo de professora no Educandário Magalhães Bastos, no bairro de Várzea, no Recife.

A outra foi Maria da Natividade Oliveira, conhecida na intimidade por Nativa, nascida em 8 de setembro de 1905 que, como Imã de Caridade, prestou ser viços no Hospital Nossa Senhora das Dores, no Rio de Janeiro, com o nome de Irmã Eugênia, em 1929. Em 1939, passou a trabalhar no Sanatório Infantil de Nogueira, em Petrópolis, como Irmã Irene, nome que continuou a usar quando foi transferida para o Hospital Central do Exército, no Rio, onde era muito estimada, e ali faleceu repentinamente, de um enfarte, em 14 de julho de 1971.

POSTULANTE

Decorria o ano de 1919. Levada pelo seu vigário e diretor espiritual, apresentava-se à Superiora do famoso Colégio da Imaculada Conceição, um dos mais importantes educandários femininos do Nordeste do Brasil, em Fortaleza, Ceará; não mais a Benicinha, mas a jovem Francisca Benícia de Oliveira.

No início desse mesmo ano, ingressa ela no Postulado, já fazendo parte da comunidade das Filhas da Caridade. Tinha 23 anos.

Logo inicia seu trabalho nas atividades do grande Colégio em ocupações humildes como: passar pano no chão, varrer, lavar roupa, pratos, e assim por diante. Havia um horário especial de estudos para as postulantes. Mesmo para as que não tinham o Curso Normal era obrigatório estudar francês, não só porque as orações da comunidade, naquela época, eram em francês, como também porque as Irmãs de Caridade se comunicavam nessa língua corretamente.

No fim dos três meses de Postulado, os superiores descobrem na postulante Francisca altas virtudes para uma futura grande filha de São Vicente. Foi testada em tudo pela Comunidade que só viu nela humildade, obediência, fé, muito espírito para o trabalho e forte inclinação de servir aos irmãos mais necessitados.

A NOVIÇA

No mesmo ano de 1919, em 27 de março, segundo Arquivo da Congregação, após somente três meses, concluía o postulado, que normalmente deveria ter sido de seis meses. É que, no caso, alcançou especial licença dos superiores que nela viram qualidades extraordinárias para a vida religiosa.

Demorou quase nove meses no Noviciado, que foi feito no Rio de Janeiro, com muito fervor, destacando-se pela piedade, espírito de oração, pontualidade às obrigações da Comunidade. Sua mestra de noviciado fez a seu respeito a seguinte observação: "- Irma Oliveira: - Tem boa saúde, é de caráter sério, reflexivo, juízo reto, inteligente, embora com pouca instrução; notável aptidão para costurar, trabalhadora, ativa, piedosa e muito dedicada".

Em 5 de dezembro de 1919 recebeu o hábito das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. No Seminário (nome dado pelas Filhas da Caridade a essa etapa de formação), deixou escrito num livro, que faz parte do Arquivo da Casa Central, no Rio de Janeiro, as seguintes palavras: "Jesus, eu desejo antes morrer do que vos ser infiel e concedei-me a graça de vos amar cada vez mais".

Neste pensamento dela está contido todo o segredo da sua grandeza de alma, de sua vida heroica, enquanto caminhou neste mundo rumo ao céu.

IRMÃ DE CARIDADE

Francisca Benícia de Oliveira, conhecida por Irmã Oliveira, concluído o noviciado no Rio de Janeiro, antiga Capital Federal, despede-se do Seminário e, por ordem dos Superiores, é mandada a trabalhar no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza-Ceará.

Aceitou a sua volta ao Ceará radiante, mais viva alegria, cheia de paz, fé e amor, tendo realizado o seu grande ideal: ser Filha de São Vicente ou Irmã de Caridade.

Ao chegar ao Colégio, apresentando-se à Superiora, Irmã Henriot, esta, de imediato, deu-lhe o nome religioso de Irmã Clemência, pelo qual se tornou conhecida de todos. E o futuro mostrou como ele se lhe ajustava.

Em seguida, disse-lhe: "A senhora, de hoje em diante, tem como ofício a direção da cozinha". Irmã Clemência responde sorrindo: "Sim, Ma Souer, é com muita alegria que aceito tão bom ofício. Lá está Deus". Ante esta resposta, serena e segura, a Superiora ficou logo edificada, admirando a desenvoltura da jovem camponesa, agora Filha da Caridade.

Irmã Clemência enfrenta com a maior aplicação a árdua tarefa de uma cozinha gigante: grandes fogões de ferro, queimando lenha, um refeitório para dezenas de alunos do internato e mais outro para a Comunidade das Irmãs. Tinha também que atender, com alimentação especial, à grande enfermaria do Educandário. A dirigente da cozinha não recusava trabalho nem torcia caminho. Levantava-se às quatro horas da manhã, rezava as orações do dia e, em seguida, assistia à Santa Missa. Já às 6 horas estava junto dos crepitantes fogões, incandescentes, carregando da despensa à cozinha pesados cestos com verduras e dezenas de quilos de carne. De vez em quando, é solicitada para uma merenda especial destinada a um doente na enfermaria, um chá, um balde de água quente para um banho. A Irmã enfermeira via na dirigente da cozinha um prestativo anjo da caridade, enviado, por desígnio de Deus, para ajudá-la, com mais eficácia, no tratamento de seus pacientes. Quando era solicitada, por mais ocupada que estivesse, atendia com presteza, seriedade e generoso espírito de caridade, dizendo: "A doente é a pessoa mais importante da casa".

Desde o início do seu ofício, como dirigente da cozinha, revelou-se a toda a Comunidade possuidora de altas virtudes. A ela referindo-se, diz em depoimento Irmã Margarida Cola: "Conheci Irma Clemência no Colégio da Imaculada Conceição, de Fortaleza-Ceará. Considero-a uma Irmã semelhante às santas Irmãs do tempo de São Vicente: simples, humilde e boa, totalmente desprendida de si mesmo. Trabalhou longos anos na cozinha, suportando o grande calor daquele ambiente e o cansaço da ocupação sem nunca se queixar, numa completa disponibilidade".

Ainda sobre seu proceder, diz em outro depoimento a Irma Theresa Ferreira, do Rio de Janeiro: "Irmã Clemência, na cozinha, deixou transparecer a bondade de seu coração, servindo a quem precisava com aquela gentileza que lhe era peculiar". E diz mais: "Era de temperamento calmo, serviçal e muito piedosa".

O que mais chamou a atenção de toda a Comunidade do grande Colégio foi o seu contínuo e árduo trabalho, na cozinha, feito com grande critério e profunda piedade, a ponto de se perceber nela, entre as panelas, uma espécie de vida sobrenatural. Chegou a

revelar certa vez, em conversa na cozinha, que todo aquele trabalho ali se tornava leve, porque era oferecido ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora, em favor da conversão dos pecadores e pela paz do mundo.

Depoimentos de algumas de suas ex companheiras, ainda vivas, no Rio e no Recife, mostram que Irmã Clemência voluntariamente se tornou, por assim dizer, escrava do próximo, tão-somente pelo amor de Deus.

Disse a veneranda Irmã Ferraz, sua ex Superiora no Instituto Maria Imaculada, em Pacoti: "A Irmã Clemência é uma santa, mesmo. Trabalhou e sofreu muito nos seus vinte anos de cozinha, em Fortaleza". E Irma Ferraz sabia o que dizia, quando se tratava de assunto sério como o referente à Irmã Clemência, pois a conheceu bem de perto.

SORRISO CONTAGIANTE

Além da humildade que lhe iluminava a existência, Irmã Clemência era portadora de outra grande virtude, nem sempre encontrada em muitos santos: era o sorriso constante e contagiante: puro, franco, cheio de paz, transmitia ao mesmo tempo energia e fé, desarmando tristezas, ódios, preocupações e falta de confiança em Deus. Era impressionante!

Sua vida lembrava a de Santa Catarina Labouré, a vidente de Nossa Senhora. Só que Irmã Clemência, durante toda a sua vida, nunca teve qualquer visão sobrenatural, a não ser a de Jesus Cristo no rosto do pobre.

Foi observado pela Comunidade seu grande apego à oração. Não perdia tempo nos momentos de folga, na grande cozinha. Era vista calma, serena, em profunda oração, na Capela, com o terço nas mãos.

Referindo-se a ela, escreveu Irmã Catarina, uma religiosa franciscana, de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro: "Ao meu ver, Irmã Clemência, no tempo em que a conheci, era uma pessoa predestinada pela Providência. Ela tomava conta da cozinha: o seu exemplo de humildade e dedicação às coirmãs e a todo o pessoal da casa irradiava como o perfume das flores. Foi uma grande imitadora de Santa Catarina Labouré, a santa do silêncio, a quem procurava imitar na sua vida oculta, nos trabalhos mais pesados e humildes, feitos sempre com amor. Que a seu exemplo possamos ser fiéis. Por certo essa vida de dedicação, fidelidade, caridade, bondade, paciência, humildade e pobreza há de torná-la digna dos altares".

Nesse depoimento, Irmã Catarina, com muita simplicidade e seriedade, revela a qualidade típica da verdadeira santidade com a qual Irmã Clemência fora ornada desde criança, aceitando a vontade de Deus, em tudo, com a maior boa vontade.

Em meio a todo esse trabalho, com grande fervor, após uma silenciosa e profunda preparação, Irmã Clemência pronunciou seus primeiros votos de: pobreza, castidade, obediência a serviço dos pobres, em 24 de abril de 1924, festa do aniversário de nascimento de São Vicente de Paulo, cujo amor aos pobres foi por ela imitado em toda sua vida.



Majestosa Igreja do Pequeno-Grande, do Colégio da Imaculada Conceição, onde Irmã Clemência assistiu à Santa Missa e rezou durante vinte anos em que morou neste Educandário, exercendo os ofícios de enfermeira, cozinheira e costureira



Irma Clemência é a primeira à esquerda, com a sua turma de moças bordadeiras, gente humilde, que antes de conhecer Irmã Clemência não tinha rumo certo na vida, e com o apoio dela, social, moral e espiritual, tornava-se, cada uma, exemplo na família, de trabalho, fé em Deus, e virtuosa mãe de família

UM TESTE INESPERADO

Era indiscutível a grande competência com que Irmã Clemência se entregava ao ofício primitivo de cozinheira. A Superiora do Colégio tinha também anotado na sua ficha que ela era competente costureira. Por isso, Irmã Henriot chama-a no seu gabinete de trabalho e 'diz-lhe: "Irmã Clemência, a senhora passa a trabalhar pela manhã na cozinha e à tarde no salão de costura". Passou ela, assim, a incumbir-se de duas funções completamente diferentes: cozinhar e costurar.

Com a ordem recebida de sua Superiora, que, para ela, era a voz de Deus, não alegou isso ou aquilo, ou que não dava certo ir trabalhar em duas funções tão diferentes. Obedece cegamente.

Assim mesmo, exausta do trabalho da cozinha por toda a manhã, tendo ainda que atender dezenas de pessoas, com refeições à hora exata, coisa que não era fácil, ela enfrentava o batente da costura sem pena nem piedade de si mesma.

O certo é que, ao meio-dia, calma e serena, já estava ao pé da máquina, com muita perícia, confeccionando as trabalhosas fardas das alunas ricas, internas naquele Educandário. Mas também ali havia muito trabalho, ordem e seriedade sob a direção de Irmã Clemência.

Era véspera de uma grande festa no Colégio e as alunas tinham que se apresentar com o uniforme de gala impecavelmente acabado.

Irmã Clemência aplicou-se, com toda sua competência, calma e paciência, na feitura dos uniformes. Tudo pronto. Irmã Henriot chega ao salão de costura e diante de Irmãs e moças auxiliares, num gesto inesperado, diz bruscamente: "Irmã Clemência, olhe o que fez; isso não presta. Pelo visto a senhora não entende de costura. Desmanche tudo e trate de fazer novamente". Todos os olhares presentes se voltaram para a Irmã Clemência, mas como condenando a insólita e extemporânea atitude da Superiora, Irmã Clemência baixou a cabeça ao sofrer tamanha humilhação e, sem pronunciar sequer uma palavra de defesa, voltou mansamente ao trabalho.

Não teria a Irmã Superiora, com sua desabrida atitude, submetido Irmã Clemência a uma provação especial? Não estaria ela colocando mais um degrau na escalada da religiosa para a perfeição?

ENCONTRO COM AS PROVAÇÕES

Imã Clemência era de compleição frágil, o que não a impedia de desenvolver atividade espantosa.

Dando-se toda a todos, como fazia São Paulo, ia mais longe ainda, desmanchando-se em solitudes, bondade, dedicação inexcedíveis no seu Colégio.

Submetida a provas pela Superiora, chegava a desempenhar três ofícios diversos e humildes aos olhos do mundo. Com isso criou oportunidades enaltecedoras, esparzindo espontaneamente as flores de sua prestimosidade, o perfume das suas virtudes, servindo e sempre servindo.

Aquela violeta, escondida na cozinha do Colégio da Imaculada Conceição, recordava a Virgem Maria, em Nazaré, afastando o que havia de mau e encontrando no coração a paz e o espírito da que, no silêncio, lhe modelava um procedimento de fé, de humildade e de oração. E, assim, decorria sua vida, apagada para o mundo, mas exaltada aos pés de Cristo, seu Senhor e Mestre.

E, assim, no ininterrupto desempenho de suas ocupações, no seu querido Colégio, escoaram-se treze anos.

Como não podia deixar de acontecer, aquele trabalho constante, ao pé de um grande fogão de ferro, consumindo lenha sem cessar e produzindo calor abrasador, atingiu a saúde da Irmã. Irmã Clemência veio a contrair uma infecção renal "que exigia a utilização de uma sonda para funcionamento da bexiga". Por causa disso começaram os seus padecimentos. Aquela dedicação sem limites, aquela bondade esfuziante, aquela comunicação encantadora encobriam, daí por diante, cruciante martírio, num sofrimento impiedoso, num penar continuado, embora sem demonstração visível. A exemplo de São Paulo, passou a viver atormentada por cruel agulhão. Como consequência dessa infecção passou o resto da vida a mare char claudicando.

Logo em seguida, conforme diagnóstico médico, também veio a ser atingida num pulmão. E, de acordo ainda com determinação médica, tornava-se necessário um tratamento sério, o que lhe permitiria, ao fim do mesmo, voltar ao normal, sendo certo que o mais urgente seria um repouso demorado. Esse repouso ela nunca chegou, voluntariamente, a conhecer em face dos continuados apelos que lhe eram feitos, sobretudo para atendimento aos pobres.

OS DESÍGNIOS DE DEUS

Decorria o ano de 1932. A Casa Provincial, naquela época situada no Rio de Janeiro, sugeriu que a direção do Colégio da Imaculada Conceição procurasse local no interior onde fosse possível fazer funcionar um Patronato para formação de moças. A escolha recaiu na cidade de Pacoti, situada no Maciço da Serra de Baturité, a 800 metros de altitude, de clima agradável, a 90 quilômetros da Capital, com habitantes muito acolhedores.

Para incumbir-se dessa missão foi designada a Irmã Vicência Matos, que escolhe para companheira Irmã Clemência. Esta aproveitaria a oportunidade para, enquanto repousasse, obedecendo à prescrição médica, poder recuperar-se da infecção renal e pulmonar.

Tudo indica que, no caso, agiu a Providência Divina, no sentido de dar à Irmã Clemência ensejo para proveitoso encontro com os pobres, doentes e indigentes, desde o recém-nascido ao ancião, revelando-se, então, enfermeira dedicada e competente, apesar de não ter sido preparada para tal mister. Ficou, assim, muito reduzido seu tempo de descanso. Viu-se, de um dia para o outro, cercada de gente de toda ordem, acometida de boubas, tracoma, bicho-de-pé, enfim moléstias as mais variadas, para tratamento e cura, e que deveriam ficar a cargo de estabelecimentos especializados e mesmo de Escolas de Medicina. Ora, nada disso existia na pequena cidade, nem nas vizinhanças mesmo mais distantes. Além disso, a casa destinada a residência das Irmãs era pequena, sem possibilidade de destinar-se uma sala especial para colher os numerosos doentes que solicitavam atendimento, cada qual com seus problemas de saúde. E o pior era a falta de remédios e mesmo de dinheiro para adquiri-los. Dispôs-se, então, Irmã Clemência, pondo de lado seus achaques, a imitar São Vicente, seu Patrono: pedir de porta em porta, solicitar das casas comerciais, recorrer aos proprietários de sítios, espalhados nas redondezas, aos quais teria que dirigir-se a pé por falta de condução a fim de conseguir donativos para socorrer os empestados e também os pobres famintos e doentes que necessitavam de tudo, atormentados pelos males do corpo e, também, pelo desprezo a que eram jogados.

Com uma disposição admirável, logo ao amanhecer do dia, ao ar livre, como fazia Jesus, Irmã Clemência entregava-se à rude labuta, cercada de padecentes, fazendo curativos em chagas asquerosas e repugnantes, sem ao menos proteger as mãos.

Era de ver o calor humano com que se aplicava àqueles trabalhos. Quando o enfermo, homem, mulher ou criança, apresentava grandes feridas nas pernas ou nos pés, ela fazia o curativo de joelhos, com o maior carinho e dizendo palavras de consolo. Embora desconhecendo o problema, assumia o papel de ginecologista. Assim, conseguia salvar, em Pacoti, muitas mães de família, atingidas por terríveis hemorragias na época da gravidez. Arrancava da morte dezenas de crianças devoradas por verminoses. Atendia a grande número de pessoas com os pulmões avariados, além de procurar auxiliar numerosos infelizes sem pão e sem roupa.

E o que causava admiração é que para tantas misérias sempre encontrava solução.

Para atingir seus objetivos tinha, muitas vezes, que se submeter a cruciantes humilhações. Pessoas abastadas, a quem se dirigia, ao invés de atendê-la, vendo-a com a sacola na mão, diziam: "Lá vem a Irmã pidona com cara de santa". E torciam o caminho ou lhe negavam qualquer contribuição. Como só podia aliviar o sofrimento daquela pobre

gente desprezada contando com o amparo dos bem situados na vida, submetia-se, de bom grado, aos maus tratos e grosserias, com generoso sorriso, convicta de estar agindo de acordo com a vontade de Deus. Naquele afã de atender aos que a procuravam em busca de tratamento e auxílio, Irmã Clemência enfrentava grandes dificuldades financeiras para a aquisição de medicamentos e alimentos para os seus socorridos.

Mesmo sem ter recuperado a saúde inteiramente, enchia-se de muita coragem e tomava a iniciativa de viajar para Fortaleza em busca de esmolas. Na Capital, dirigia-se às agências distribuidoras de medicamentos, como também a alguns laboratórios existentes na cidade. Fazia essa viagem uma vez por mês, de caminhão, descendo mais de cem quilômetros, pela estrada de Maranguape, quase toda carroçável. Ficava alguns dias no Colégio da Imaculada Conceição, onde guardava o que ia arrecadando no comércio para os seus pacientes. Era de ver como, em Fortaleza, nos armazéns visitados, conseguia arroz, farinha, feijão, açúcar, que conduzia para Pacoti a fim de ser tudo redistribuído com seus pobres doentes ou necessitados de alimentos. Além de remédios, também conseguia roupas, visto como não eram poucos os que andavam quase despidos.

Voltando a Pacoti, reiniciava a sua luta principal, que era fazer curativos de toda espécie em pacientes com terríveis feridas e não eram um ou dois, mas dezenas que a ela recorriam diariamente, na esperança de recuperar a saúde. Aliás, coisa admirável, todos ficavam completamente curados! Tinha ela mãos abençoadas, diziam, Feliz da pessoa que fosse à sua procura com uma ferida, mesmo desenganada dos médicos, Após alguns curativos, sarava logo. Isso fazia lembrar as palavras de Cristo: "Imporão as mãos sobre os enfermos e serão curados" (Mc. 16,18). É certo que ela não impunha as mãos sobre os corpos dos inúmeros pobres que curou, quando deles tratava, mas pode-se crer que, se viesse a fazê-lo, em obediência à ordem de Jesus, por certo alcançaria maravilhas.

Irmã Clemência não teve formação intelectual e menos ainda universitária. Completara apenas o Curso Primário e em escola do interior. Era, porém, inteligente, aplicada, viva e prestativa. A Providência, tudo indicava, a dotara com um carisma todo especial: o dom espiritual do amor ao próximo, numa entrega total, sem reservas, especialmente aos mais miseráveis. Além dos seus trabalhos edificantes no serviço aos pobres, que ia das seis da manhã ao meio-dia e, às vezes, às duas horas da tarde, ela ainda prestava inestimáveis serviços à casa recém aberta pelas Irmãs de Caridade em Pacoti, atendendo na cozinha, mesmo na fase de recuperação da saúde. Só mesmo os predestinados possuem tal carisma, apenas encontrado nos santos, porque toda aquela pertinácia, além de desprendida, era feita com o sorriso nos lábios, sem olhar sacrifício, sem a menor queixa. Muito ao contrário, toda a sua cruz de cada dia ela transformava em oferta ao Divino Amor e era como um incensar à Trindade Santa.

INTIMAÇÃO INUSITADA

Irma Clemência, dada sua abnegação total no modo de agir, sua coragem inesgotável e disposição insinuante no trabalho em benefício do próximo, tornou-se, pouco a pouco, famosa não só em Pacoti, mas nos meios familiares da cida.de, nos sítios vizinhos e até no comércio, conquistando admiração de cada pessoa e de cada família.

Todas as manhãs era vista ao ar livre, enfrentando o frio da serra, tendo ao seu redor dezenas de ferimentos, e a todos atendia, com eles sorrindo, com eles chorando, dispensando a cada um especial atenção de mãe carinhosa, sempre com palavras de conforto e bondade.

Na dor transmitia a fé em Cristo; na angústia, conformidade e, assim sucessivamente, a cada problema que se apresentasse. Nos casos de pessoas humildes, vivendo em estado de desolação, encontrava-se sempre pronta a servir, de corpo e alma, a exemplo do Samaritano com o homem que descia de Jerusalém para Jericó (Lc. 10,30). Não tinha hora certa para quantos a procurassem, esquecida totalmente de si mesma.

Certo dia, recebeu do Delegado de Polícia uma intimação, chamando-a com urgência. Mesmo assustada, com tão inusitado chamado, prontificou-se em atendê-lo. Ao chegar à Delegacia, foi recebida com muita atenção pelo Policial que até lhe fez vênias, em sinal de grande respeito. E passou a explicar, dizendo: "Irmã Clemência, mandei chamar a senhora para nos ajudar num caso muito doloroso. É que temos aqui na sala um homem que levou uma facada e parece que vai morrer. Peço-lhe fazer nele um curativo para que não fique de todo abandonado". Não havia, naquele lugar, nenhum médico ou mesmo enfermeiro. Levá-lo para Fortaleza seria muito sacrifício por falta de transporte.

Que fez Irmã Clemência em tal situação? Pôs as mãos em prece e pediu a Deus que a ajudasse naquele ato de caridade. E chegou-lhe a luz do Espírito Santo, orientando-a como salvar a vida daquele pobre homem que estava com os intestinos à mostra. Após sua invocação a Deus, dirige-se à pressa ao seu peque no Ambulatório, no Patronato, apanha gaze, mercúrio e álcool. Mas, como fazer para a sutura da ferida? Apanhou uma agulha de costurar saco, nela enfiou um pedaço de fio comum, banhando tudo em álcool. Antes lavou com água potável o golpe sangrento. Ajoelhou-se junto ao homem, deitado no chão, fez os intestinos voltar ao lugar e realizou a operação, dando quarenta e oito pontos. Ao término, banhada de suor, exclamou: Deus é misericordioso!

O Delegado, os soldados e as pessoas ao redor ficaram abismados ante tamanha coragem e comentavam que aquele ato de amor representava, sem dúvida, coisa fora do comum. Não deixavam de concluir que aquela operação melindrosa que exigia tanta coragem daquela Irmã de Caridade envolvia muita coisa de sobrenatural.

E por quê? Porque, estava visto, ela possuía o dom da cura. Deus a ajudou, pois não houve infecção nenhuma e o homem ficou completamente curado. Dal exclamarem os que presenciaram o acontecido que foi um grande milagre o feito por essa Irmã! Sem dúvida era uma carismática e sua pessoa estava ungida pelo Espírito do Senhor Jesus.

Precisa-se ter em vista que ela fora a Pacoti em recuperação de saúde, vítima de infecção renal, usando sonda para funcionamento da bexiga. Mesmo assim não recuava diante de qualquer trabalho pesado e mesmo melindroso, como no caso do homem esfaqueado.

E assim correm todos os dias da sua vida, cheios de heroísmo, admirada porque difícil de ser imitada. Difícil de ser imitada porque, como disse o grande São Vicente de Paulo: "Como ser cristão e ver seu irmão no sofrimento sem chorar com ele, sem com ele estar doente? Isso não é ter caridade. Isso é ser cristão na aparência..."

A vinda de Irmã Clemência para Pacoti resultara, em primeiro lugar, na necessidade de restauração da saúde, fortemente abalada, mas também na fundação de uma nova casa de trabalhos educativos e religiosos a cargo das Filhas de São Vicente de Paulo. Era o caso, como diz o povo, de "descansar carregando pedra".

Veio com ela a Irmã Vicência Matos, conseguindo ambas com muito es forço, empenho e sacrifício instalar o Patronato de Pacoti, depois transformado em Instituto Maria Imaculada, de que veio a ser Superiora a mesma Irmã Vicência que, com a Irmã Clemência, deu ao estabelecimento grande relevo, impondo-se ele como esteio de educação feminina na cidade e influindo de maneira poderosa na formação cristã de todo o meio.

Graças à atuação de suas duas fundadoras, o Patronato de Pacoti, hoje Instituto Maria Imaculada, há muitos anos, vem sendo um marco na educação intelectual, moral e formação cristã na cidade serrana.

VOLTA AO APRISCO

Em Pacoti, não foi longa a convivência de Irmã Clemência com a Irma Ferraz. Chamada a Fortaleza, deixou ela preparado o terreno para que todos pudessem ver Cristo e senti-Lo, através do seu trabalho ardente, piedoso e eminentemente social. E isso com a pretensão dupla: curar fisicamente o corpo e cuidar espiritualmente da alma.

Deixou bem profundas no coração de sua santa Superiora as marcas das suas virtudes, como sejam: generoso trabalho e ardente dedicação aos empestados de boubas, amor às Regras da Congregação, profunda humildade, simplicidade de criança e olhar profundo de um sábio. E, assim, Irmã Clemência se ia doando total e ardorosamente, dia após dia, na construção de um mundo melhor, servindo a todos sem intenção de recompensa senão aquela prometida pelo Senhor Jesus que disse: "Quem quiser vir a mim tome a sua cruz e siga-me". E foi isso o que ela fez desde o dia de sua saída da casa paterna acorrendo ao divino chamado.

Por determinação dos Superiores, voltou Irmã Clemência ao primitivo ninho, o Colégio da Imaculada Conceição, onde já deixara rastros de grandes virtudes, pelo trabalho extenuante, constantemente junto ao imenso fogão de lenha ou na sala de costura, quando chegou a ser severamente repreendida pela Superiora num ato de provação, pelo respeito e carinho que dispensava às enfermas da casa, sem acepção de pessoas, dando-lhes a devida assistência, tanto de dia como de noite, a qualquer hora, mesmo sem ser solicitada. Espontaneamente ia levar-lhes remédio, alimentos e, acima de tudo, palavras de conforto espiritual. Apontava-lhes o Cristo e Maria Santíssima, como nossos intermediários junto ao Senhor Deus.

Agora voltava à casa onde já fora comparada a uma violeta, pela Irma Celina Uchoa, a Santa Catarina Labouré ou às primeiras santas Irmãs no tempo de São Vicente de Paulo.

Irmã Clemência, ao longo de sua vida cheia de heroísmo, num profundo silêncio, lembrava Santa Terezinha do Menino Jesus que, certa vez, disse: "Quero ser uma bola, para onde me botarem irei satisfeita". Assim também foi Irmã Clemência. Nunca se opôs à vontade dos superiores, mesmo que fosse a ordem das mais duras, e a aceitava como se fosse a própria voz de Deus.

Bem podia ela, na situação de enferma, em estado de recuperação da saúde, ter solicitado à Superiora Geral que não a tirasse de Pacoti. Mas não. Não alegou dificuldade alguma. Quando recebe a ordem de transferência, apenas exclama: "Seja feita a Vontade de Deus. Ele é bom e misericordioso. A Irmã de Caridade não tem vontade própria. Para onde me mandarem irei, com muita alegria, porque onde eu estiver encontro Jesus Cristo e pobres esperando ajuda".

Isso só brota de corações generosos, desapegados deste mundo onde tudo passa, menos o amor em Cristo.



Irma Clemência, em encontros de lazer, sentada ao lado da sua superiora, com o sorriso característico de quem sempre vivia em paz consigo, com Deus e com o próximo. É a que se vê à direita, sentada de frente, no jardim interno do Patronato Nossa Senhora do Livramento, em Baturité

BATURITÉ

A nova missão de Irmã Clemência seria em Baturité. A cidade fica no sopé da serra do mesmo nome e é hoje denominada Capital do Maciço, isso porque as demais cidades vizinhas, desde muitos anos, eram dependentes dela.

Na época em que chegou a Baturité havia alguns Educandários, considerados dos melhores do Brasil, dirigidos por ilustres mestres, inclusive vindos da Europa, como a Escola Apostólica dos Padres Jesuítas, o Ginásio Domingos Sávio dos Padres Salesianos e o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, dirigido pelas Filhas de Maria Auxiliadora (Irmãs Salesianas).

No entanto, médico realmente só havia um na tão próspera cidade. Quanto à assistência à saúde pública, funcionavam o Posto de Serviço da Peste, com servidores para trabalharem no campo contra a peste bubônica, e o Posto de Saúde do Estado, sem médico, tendo à frente três funcionários que entendiam se quer de enfermagem. Quem podia financeiramente, ao sofrer qualquer doença, tinha que ir tratar-se em Fortaleza. Os pobres, esses morriam à míngua, depois de muito sofrer ao desamparo.

Diante de tão grave situação que afligia principalmente as famílias pobres do município, o então Prefeito Ananias Arruda, mais tarde Comendador da Santa Sé, cidadão profundamente cristão, entendeu de construir, com dinheiro seu, a Casa do Pobre Santa Luísa de Marillac, doada às Filhas da Caridade, com o objetivo de atender à pobreza em suas necessidades e servir de sede para retiros fechados de moças e senhoras católicas.

Irmã Clemência, ao receber ordem para vir servir em Baturité, responsabilizando-se por esses trabalhos, despede-se do Colégio da Imaculada Conceição, onde permanecera vinte anos, em ofícios, os mais humildes, e num clima de mais profunda obediência, muita oração e continuados sacrifícios.

Quando, no dia 20 de janeiro de 1943, foi inaugurada a nova Casa das Irmãs de Caridade em Baturité, ali chegou Irmã Clemência com mais três companheiras, acompanhando a Superiora, Irmã Perissé.



BATURITÉ

Irma Clemência, a primeira em pé à esquerda, na turma do retiro das domésticas que organizava anualmente, num espírito de promoção social e formação cristã



BATURITÉ

Irma Clemência, na Vila dos Pobres, dando-lhes amor e carinho de mãe santa, o que eles não recebiam nem mesmo dos seus familiares e, muito menos, da sociedade rica, que os via simplesmente como trapos humanos. Mas ela, que sempre fora uma pessoa cheia de fé e amor, alimentava a todos não só com o pão de cada dia, mas na fé no Cristo Libertador



Irmã Clemência, ouvindo com atenção, calor humano e espiritual os seus pacientes no rústico e humilde Ambulatório, o qual era uma esperança viva para cada um, a fim de recuperar a saúde. E lá, não só recuperava a saúde física, mas também a saúde espiritual. Homem ou mulher, recebia dela, no Ambulatório, o maior exemplo de amor, trabalho e gesto cristão para com o próximo, segundo o espírito de Jesus Cristo

Foi logo designada por esta para incumbir-se da Vila dos Velhinhos, mantida pela Sociedade de São Vicente de Paulo, além do Ambulatório e ainda para auxiliar nos trabalhos de artesanato em que moças do campo iriam aprender a fazer rendas e crochês.

Foi a cidade de Baturité, para a maravilhosa Filha de São Vicente, seu novo e maior campo de ação, dando-lhe oportunidade para os mais operosos atos de amor concreto ao próximo.

No seu afã de desempenhar as tarefas, acordava com a comunidade às quatro da manhã, rezava na Capela as orações habituais com suas companheiras e, em seguida, ia à Igreja Matriz assistir à Santa Missa. De volta, tomava reduzida refeição, dirigindo-se logo após à Vila dos Pobres, seus prediletos. Ali lavava-lhes as horríveis feridas, fazia curativos em cada um, aplicava-lhes injeções e, em seguida, passava a ouvir suas lamúrias, tais como: falta de roupa, de querosene, de café e outras coisas mais. Paciente, anotava o pedido de cada um, prometendo atendimento.

Voltava, então, direto ao Ambulatório, onde já a esperavam dezenas de doentes, da cidade e do campo, cada um embalado pela certeza de que ela daria um fim às suas enfermidades. Depois de bondosamente atendidos, voltavam às suas casas com a esperança de recuperarem a saúde. Na verdade, a maior parte deles já estava sem cura.

Depois desse trabalho de atendimento que tomava toda a manhã, almoçava frugalmente e, em seguida, sala de porta em porta, pelo comércio, a pedir aquilo que os pobres haviam reclamado. Uns a atendiam maneirosos; outros, porém, fechavam a casa, no íntimo dizendo não.

Apesar das dificuldades materiais que se lhe apresentavam no campo de seu trabalho, todo consagrado ao bem alheio, ela não torcia caminho, muito menos quando era humilhada moralmente com palavras grosseiras. Diante disso nunca se irritava, antes manifestava a virtude da tolerância, difícil para muita gente. Em situações vexatórias, não revidava as ofensas recebidas, muito pelo contrário, fazia um ar de riso, como quem perdoava, lembrando São Francisco de Assis: "Onde houver ofensa que eu leve o perdão".

Assim procedia Irmã Clemência.

Cada dia que passava maior era a afluência de mendigos, doentes pobres e indigentes, uns vindos dos arredores da cidade, porém o maior número dos distritos do Candeia de Baixo, Candeia Boa Vista, Candeia de Cima, Jordão, Bananeiras, Evaristo, Raposa, Mucunã, Coió, de Baixo, Mala Fresca, Umari, Areias e outros lugares adjacentes. As famílias de todos esses arredores recebiam assistência para seus males e medicamentos, tudo conseguido com o trabalho incansável dela. Parecia ser de ferro, ao peso de tamanha luta diária. E havia quem atribuísse tudo aquilo, conhecido por toda cidade de Baturité, à obra de um chefe político que tivesse muito dinheiro e quisesse conquistar benemerência.

Irma Clemência, vendo e sentindo de perto a dolorosa carência daquela gente, além de pedir em Baturité, também passou a solicitar donativos em Fortaleza, indo de porta em porta, outra vez, como fizera quando esteve em Pacoti. E na Capital conseguia doação de medicamentos, roupas e alimentos para seus muito queridos pobres sofredores.

AS CURAS NUMEROSAS

Irmã Clemência, no desempenho da missão a que se impusera, de atender a quantos a procurassem, não especulava sobre a situação pessoal ou crença religiosa dos pacientes. Bastava a doença para justificar a atitude dos que a procuravam esperando receber atendimento, cheios de confiança. Mesmo quando total das fichas para recepção e tratamento do dia já estava esgotado, ela dirigia aos excedentes o seu já tradicional olhar de misericórdia e prometia "dar um jeitinho". Procurava o médico que a ajudava no Ambulatório e acabava conseguindo fosse o doente consultado.

Quando se tratava de feridas ou queimaduras, muito comuns na gente do povo que, sem fogões nem lenha apropriada, utilizava trempe e gravetos apanhados no mato, usando-os sem os devidos cuidados, a própria Irma Clemência se incumbia dos curativos, no que era sumamente perita, pela prática adquirida em muitos anos.

Aconteceu que, certa vez, foi levada até ela, por uma senhora protestante, fervorosa presbiteriana, e muito procurada pelos "crentes", uma criança com as mãos queimadas, Irmã Clemência recebeu-a imediatamente e muito emocionada com o que vira, disse: "Estou com muita pena. São queimaduras de segundo grau. E caso de internamento e não disponho de leito para isso. No entanto, se a senhora protestante se dispusesse a acolher a criança na casa dela para receber indispensável tratamento, a Irmã se incumbiria disso". A protestante de boa vontade atendeu e, assim, pôde Irmã Clemência ir diariamente até lá, para fazer os curativos na criança. E isso de manhã bem cedo, para poder em seguida tratar dos doentes que a esperavam no Ambulatório. Depois de quinze dias de tratamento intensivo a criança recebia alta.

A senhora protestante foi com a mãe da criança apresentar os agradecimentos à Irmã Clemência que, com seu sorriso contagiante, elevou os olhos ao céu e disse: "Foi Deus quem a curou, não eu".

A referida senhora, de nome Maria Lúcia Carneiro, deu disso testemunho por escrito e acrescentou que fatos semelhantes eram comuns, pois muitas pessoas, em lamentável estado, com feridas de todo jeito e atingidas por feias queimaduras procuravam Irmã Clemência e eram por ela recebidas com o maior carinho, sendo de notar que todas essas pessoas conseguiam recuperar-se.

A VOZ DO POVO

Dentro de pouco tempo espalhou-se a notícia de que a Irmã Chapelão Branco, como apelidaram Irmã Clemência, era muito caridosa, tratava os pobres de graça e por mais doentes que eles se achassem ficavam logo curados. Em face disso, agiganta-se o número de doentes de todo tipo em busca do Ambulatório recém-criado, a fim de ali se receitarem com a Irmã. As sete horas da manhã, ela já se encontrava lá. Examinava caso por caso. Nuns fazia curativos, noutros dava injeções. Aos demais, nos casos de anemia perniciosa, tratava com ferro em comprimidos, dando, ao mesmo tempo, remédio para o fígado. Todo aquele rol de medicamentos era conseguido em Fortaleza. Para a Capital viajava de vez em quando e ali, batendo de porta em porta, nas Distribuidoras ou nos Laboratórios era, muitas vezes, humilhada e xingada por pessoas que até se diziam católicas ou mesmo faziam parte da elite social da cidade. Mas, Irmã Clemência a nada ligava, pois sentia-se intrínseca e intimamente presa ao eixo maior de tudo, que é o Senhor Jesus, e com Ele resistia a tudo.

O pequeno ambulatório da Irmã ficava cheio de doentes, enquanto muitos permaneciam do lado de fora. Todos eram atendidos, chegando ela em casa, muitas vezes, às duas da tarde.

Na sua tarefa humanitária, Irmã Clemência fazia-se, às vezes, de São Camilo de Lellis. Ajoelhava-se diante dos enfermos, com feridas fétidas e purulentas. Quando as lavava, ouvia-se o grito: "Ai Irmã, eu não aguento tanta dor, vou morrer!" Então, ela respondia: "Não vai morrer, não. Vai ficar bom, Deus é misericordioso." Crianças queimadas que choravam e gritavam com toda a força do peito eram trazidas para os curativos e ficavam mais calmas.

Nesse trabalho a Irmã ficava com o rosto tão lavado de suor que pingava no chão.

Outros doentes chegavam com dores reumáticas ou de estômago e gritando: "Me acuda, Irmã, senão eu morro!" Era horrível, de causar repugnância aquele ambiente. Mas, ali se salvaram muitas pessoas, tanto física como espiritualmente. Via-se, ali, o dedo de Deus, porque tudo era feito com muito trabalho e amor sobrenatural, com todo respeito e vivo calor humano, em do próximo sofredor. Assim, em Baturité, o apostolado de Irmã Clemência atingiu o apogeu. À sua roda, uma infinidade de pessoas carentes, de todas as idades, diariamente buscavam aquele amor que nunca receberam da gente rica, do capitalismo selvagem, ou mesmo de um cristianismo de fachada.

Para aquele povo abandonado Irmã Clemência era uma reserva inesgotável de bondade em ação.

Trabalhava de dia e entrava pela noite, sem se queixar, antes com um sorriso perene, o que concorria para levantar o espírito de quem dela se aproximasse. Como era extraordinária! As duas horas da tarde, de volta ao Patronato, para almoçar, contava histórias e dava gostosas risadas. Sabia divertir-se sem ser piegas, porque ungida pela Espírito Santo.

REFLEXÃO

Pondo sem temor a caridade em ação, Irma Clemência se fazia, aqui na terra, instrumento nas mãos de Deus. Pela sua feliz e humilde atuação conseguia que endinheirados comerciantes, médicos, sacerdotes, religiosos, militares graduados ou não, senadores, deputados federais ou estaduais, prefeitos e vereadores e até governadores a ajudassem no seu trabalho em favor dos pobres, unindo os ao eixo central de sua vida, o Senhor Jesus, fonte de energia, equilíbrio moral e que oferece à sociedade harmonia, luz e fé, trabalho honesto e alegria, ciência e progresso, amor e felicidade. Hoje, como nunca, o mundo precisa de Irmãs Clemências que, mesmo de origem humilde, de pouca instrução, com a graça de Deus, podem se tornar instrumento do amor de Cristo.

Hoje há cursos especializados para a melhoria da convivência humana. Tudo isso é muito bom e útil, permitindo que a multidão seja mais bem atendida nas suas diversas necessidades. No entanto, a maior parte desses cursos são técnicos e só visam dar conhecimentos práticos, interessados num "consumismo personalista". Esquecem-se, porém, de que para todos esses cursos o maior mestre Jesus Cristo e que o melhor compêndio para revolucionar o coração e a inteligência do homem chama-se Bíblia Sagrada, lida, estudada e posta em prática em benefício da humanidade. Nela está a palavra de Deus, toda a sabedoria divina que, aplicada como Jesus ensinou, afasta a miséria que aflige a pobre humanidade.

A fé e a caridade são as duas maiores armas de um verdadeiro cristão. Por quê? Porque aquele que tem Fé diz sem medo: "Minha vida está nas mãos do Senhor Jesus" e aquele que tem Caridade olha para todos os homens como filhos de Deus, sem distinção diante do próximo, com calma e humildade e, por mais rico ou sábio que seja, ao invés de mostrar-se como mestre e senhor, voluntariamente torna-se servo e discípulo, a exemplo de Cristo Libertador.



Irmã Clemência vendo-se ao fundo, em pé, à esquerda, perto da janela, em 25 de dezembro de 1950, dando um natal de gêneros alimentícios aos velhinhos mais pobres da cidade. Pela foto pode-se ver que era grande o seu serviço social e cristão, junto aos mais pobres de Baturité. Tudo isso fora à custa de muito trabalho, suor, humildade, e muitas vezes, lágrimas

UMA IDÉIA FELIZ

A afluência de carentes ao Ambulatório era tão grande que Irmã Clemência conseguiu que o médico, Dr. Álcimo Cavalcante de Aguiar, fosse até lá, uma vez por semana, a fim de medicar sem qualquer remuneração tão preciosa clientela. Passou, então, a turma de doentes a receber os cuidados do competente facultativo. Passou ela, assim, a prestar, daí por diante, relevantes benefícios ao povo pobre de Baturité.

Mas, além dos doentes atendidos pelos dois no Ambulatório, havia outros que Irmã Clemência sabia em situação grave e que não podiam ir procurá-los. Sem medir esforços, passaram os dois a ir até à casa deles, cabendo ao Dr. Álcimo receitá-los e a ela, depois, conforme a prescrição médica, distribuir e aplicar os remédios indicados para cada um.

Referindo-se a tão carinhoso procedimento, Dr. Álcimo comentava:

- Foi a Irmã Clemência que me fez ver a necessidade de levar assistência direta aos lares dos enfermos que não podiam ir ao Ambulatório. Respondi-lhe que era o Ambulatório o lugar apropriado para o tratamento dos doentes que podiam locomover-se até ele.

- Sim, Doutor, observou-me ela, mas, há doentes que não podem vir até aqui. O senhor não acha que deveríamos ir até à casa deles, pelo menos um dia na semana?

Tão comovente era a sugestão, concluiu o Dr. Álcimo, que não podia resistir

Às quintas-feiras ia o Dr. Álcimo com Irmã Clemência visitar os pobres e doentes.

Como Irmã Clemência ajudava o médico com grande entusiasmo, ele se sentia impelido a fazer o que ela bondosamente sugeria. Tivera dela impressão excelente desde os primeiros contatos. E à medida em que ia privando mais de perto com ela passou a inteirar-se de uma sucessão de atos virtuosos, executados exclusivamente com amor sobrenatural.

Aconteceu que o dono do veículo utilizado para as visitas das quintas-feiras entendeu de retirá-lo sem mais nem menos. Irmã Clemência levou o injustificado ato ao conhecimento do Dr. Álcimo, indo, para isso, procurá-lo no Hotel Canuto, onde ele morava desde que chegara a Baturité. Ela mostrava-se desolada. Tomando conhecimento do fato, o médico exprobrou duramente o gesto do dono do veículo que, apesar de nada confortável, era indispensável para o cumprimento do apostolado exercido.

Sem transporte, as visitas das quintas-feiras tiveram que ser canceladas de imediato, dizendo o médico que, não possuindo a mesma grandeza de alma da Irmã Clemência, não poderia fazer as visitas a pé. E chegou a acrescentar que foi essa a única vez em que desatendeu a bondosa Irmã, quando ela reiterou:

-Eu vim aqui pedir que o senhor continuasse a visitar nossos doentes. Eles precisam, Doutor.

Ele acabou concordando com ela. Dizia o médico que Irmã Clemência era portadora de grandes virtudes, sempre pronta a ver o lado bom das pessoas. Ainda diante de faltas graves não condenava ninguém. E dizia sempre: "Deus é bom e misericordioso".

Confessava o Dr. Alcimo que, nos quase oito anos que passou em Baturité, conheceu muitos santos e a Irmã Clemência foi um deles. O outro era o Padre Artur Redondo, Jesuíta.

Pelo exposto pode-se medir até que ponto chegava a bravura da Ima Clemência quando se tratava de servir.

Após ouvir do Dr. Alcimo as justas razões que o impediam de atendê-la, em face da ausência de transporte, ela não esmoreceu na sua tarefa caridosa para com os pobres, doentes e indigentes. E isso porque, primeiro e antes de tudo, tinha Deus no coração e nele punha toda sua confiança e, depois, porque procurava pôr em prática a humildade da Mãe de Jesus, de quem era tão devota, recordando aquela passagem do "Lembraí-vos": "Nunca se ouviu dizer que nenhum daqueles que recorreram à vossa proteção fosse por vós abandonado".

O centro de sua vida girava, assim, em torno de Jesus no Sacrário e de Maria, Porta de Céu. Tinha como lazer conversas com Ele, na capela, de joelhos. E, invocando Maria Santíssima, ficava rezando o terço, A noite, nos corredores da comunidade, era vista de terço na mão, Assim, permanecia sempre unida a Deus pela oração e pela Caridade, servindo aos humildes, a oração concreta, uma das mais difíceis, porém das mais agradáveis a Deus. Ela procurava viver as palavras do Apóstolo: "A Caridade é pacífica, bondosa, tudo desculpa".

Se acontecesse ser humilhada, quando atingida por grosseiros, não se sentia molestada, e muito menos comentava com outros as ofensas recebidas. Antes, rezava por aquela pessoa que a ofendera, pois entendia que, se assim procedesse, era por estar vazia de Deus.

EXEMPLO VIVO

Apesar de sua vida agitada, no seu devotamento aos pobres e doentes, Irma Clemência submetia-se prazerosamente aos deveres das Regras de sua Congregação. Em depoimento, uma ex superiora sua, na Comunidade do Patronato Nossa Senhora do Livramento, em Baturité, a virtuosa Irmã Amélia de Amorim Sa, fez a mais eloquente revelação sobre o procedimento da humilde serva do Senhor.

Diz Irmã Sá: "No seio de sua comunidade religiosa era muito estimada. Suas coirmãs recebiam dela os maiores exemplos de amor à vocação, na simplicidade e caridade. Era fiel a todos os exercícios da comunidade, nunca chegando atrasada, apesar de todo o seu trabalho insano no Ambulatório e na visita aos pobres da Vila. Não me lembro de ter ouvido de seus lábios qualquer palavra de murmuração contra quem quer que fosse. Seu sorriso constante, seu bom humor e jovialidade facilitavam seu largo relacionamento com todos. Ninguém tinha receio de abordá-la, mesmo sabendo sofrer ela de surdez. Além do Ambulatório, espontaneamente, tomava a seu encargo cuidar da Capela. Com que amor ela adornava o altar do Senhor e preparava a Celebração eucarística! Era na comunhão diária que ela hauria a força necessária para cuidar de feridas, ainda as mais purulentas".

Esse sincero pronunciamento da Irmã Sá fica impresso na consciência de cada um de nós, provando como Irmã Clemência tinha a grandeza de sua alma na prática de uma vida pautada no mais elevado espírito de amor evangélico, dando provas concretas de como é o caminho da santidade, Santidade, antes de tudo, é oração, trabalho, dedicação do forte para com o fraco, ou mesmo do fraco para com o forte na manifestação da humildade. Então, diante dos humildes, irmã Clemência dava-se toda a todos, desde o gesto concreto da obediência aos superiores até à exaustão de trabalho com os mendigos, famintos, doentes, muitas vezes, mal-agra-decidos, rudes e atrevidos. Se encontrava contribuintes orgulhosos e in-sensíveis aos seus apelos para levar avante seus exaustivos trabalhos tinha sempre para com eles palavras de simpatia. Fazia e sofria tudo fundada no plano infinito de Deus. Encarava com destemor as dificuldades financeiras do Patronato, às o som despesas para manutenção do seu internato, afinal, extinto. Quando isso ocorreu as Irmãs choravam sem consolo. Ela chegava perto delas, comentando: "Acabou-se o Patronato? Mas, eu lhes pergunto: acabou-se Deus e desapareceram os pobres?"

Naquele momento mostrou-se Irmã Clemência enérgica, competente e disposta diante das fracas Irmãs que viam a vida só no plano finito. "Não chorem, minhas filhas!" foi o brado da mulher forte, cheia do Senhor Jesus, confiante como Maria no Cenáculo, rodeada de homens medrosos, os Apóstolos. As Irmãzinhas, possuidoras de pergaminhos, mostravam-se fracas na fé. Irmã Clemência, sem pergaminhos, mostrava ser mestra na fé e na caridade. Aponta Deus e o pobre como seus preferidos. Referindo-se ao fato, ao qual esteve presente, disse Irmã Antoinette Ibiapina: "Foi para mim uma grande lição, um ato de fé que recebi de Ir-mã Clemência. Ela aproximou-se de nós, com muita mansidão, um rosto sereno e um sorriso nos lábios, enfim com um aspecto sobrenatural e logo expulsamos toda a tristeza que estava dentro de cada uma de nós. Ela vivia constantemente cheia do Espírito Santo".



Irmã Clemência é a segunda, sentada à esquerda, no retiro das internas, em dezembro de 1950. A cada uma dispensava o seu amor, fé e trabalho de enfermagem, quando estavam doentes. Era mãe e mestra para cada uma

OS CIRENEUS

Foram muitos os Cireneus de Irmã Clemência, mas avultaram três, por ordem: Dr. Alcimo Cavalcante de Aguiar, Dr. Antônio Carlos Santos de Oliveira e Dr. Alberto Neves. O nome do Cireneu já caracteriza bem o sentido do que auxilia, especialmente em trabalhos penosos. Estes três ilustres médicos deram, a seu modo, ajuda muito valiosa à Irmã Clemência, na assistência ao povo carente da cidade de Baturité e adjacências. Eles foram testemunhas pessoais e oculares do trabalho de grande relevância espiritual e social que ela desempenhava. Disso deram depoimentos inestimáveis, destacando os atos de heroísmo que praticava, os quais nos estimulam a ser cristãos autênticos e práticos, eliminando teorias ou palavras vazias, como címbalo que soa no ar. Ela praticava o verdadeiro heroísmo, que faz expulsar da consciência o espírito de hipocrisia e de farisaísmo; heroísmo que fez conhecer o valor de uma hora de oração por dia, diante de Cristo crucificado; heroísmo que a leva à casa de um irmão que passa fome, que sofre doenças, que está desesperado, às voltas com problemas de família, levando-lhe uma palavra de conforto e o apoio moral. Isso chama-se oração concreta junto a esses Cristos vivos.

O espírito social e cristão de Irmã Clemência pode irritar os comodistas, os egoístas, mas aponta, porém, uma caminhada ao longo de nossas vidas no trato de um para com os outros, um gesto constante de bom samaritano ou de prestativo Cireneu, gesto simples, despojado de utilitarismo, mas próprio de um coração humilde e sincero, ao lado dos que sofrem.

O PECADO DE IRMÃ CLEMÊNCIA

Não se pode dizer que os santos não cometem pecados. Eles mesmos se acusam de caírem em faltas, embora muitas delas não passem de exageros no desejo da perfeição. O santo Cura d'Ars, João Maria Vianney, um dos mais gloriosos exemplos de santidade nos nossos tempos, canonizado em 1929, por Pio X, que o designou Patrono do Clero, dizia a um dos seus missionários, já no fim de sua vida de sacrifício e de provação, que, "de noite, sem poder dormir, sentado no leito, chorava seus pecados".

Por isso, quem disser que Irmã Clemência nunca pecou, não está com a razão. Neste mundo só quem nunca pecou foi a Sagrada Família de Nazaré.

Eis um fato esclarecedor: um dia, Irmã Clemência, já bastante cansada de fazer curativos nuns, aplicar injeções noutros, durante a manhã toda, ia retirar-se. Lá pelo meio-dia foi procurada por um homem, exigindo que lhe fosse feito um curativo. Como já fosse fora de hora, ela o mandou embora sem atendê-lo. Pesa roso, o homem retirou-se murmurando. Ainda não tinha dado muitas passadas, quando Irmã Clemência, arrependendo-se de sua atitude, saiu pela rua, à procura do doente. Quando o encontrou, ajoelhou-se aos pés dele, em plena via pública. Pedindo-lhe perdão, fez que ele voltasse com ela, e o atendeu com a maior atenção.

Foi um grande ato de virtude e não único. Mas, Irmã Clemência via peca do no seu gesto de recusa. Por causa disso, estava sempre disposta a pedir perdão a quem sua consciência dizia ter ofendido. Irmã Sá, que deu a conhecer este fato, apresenta-o sob dois aspectos: Primeiro, Irmã Clemência entendeu que pecou, conforme acusava sua consciência, omitindo-se no atendimento ao pedido daquele pobre homem que lhe solicitava o curativo; segundo, reconheceu imediatamente ter deixado de praticar um ato de solidariedade para com um ser humano. Embora involuntariamente, fechou a porta a um seu irmão. De imediato, logo arrependeu-se e, a exemplo de Pedro Apóstolo, chorou amargamente pelo que entendeu ser um pecado, mesmo involuntário. Sem mais pensar vai procurar o homem na rua e, ao encontrá-lo, ajoelhou-se e olhou para ele, cheia de arrependimento, dizendo entre lágrimas: "Meu filho, perdoe-me, pelo amor de Deus!" Fita-o, com toda humildade, enquanto rolam abundantes lágrimas pelas faces, assim como Madalena aos pés de Jesus Cristo.

Irmã Clemência via em qualquer pessoa e, especialmente no pobre, o próprio Cristo. Dal ter aquela grandeza d'alma de descer profundeza da humilde de sincera, rogando fosse perdoada pelo que por ela havia sido desatendido.

No seu arrependimento nos faz lembrar aquela passagem do Evangelho de Mateus 5,23-25: "Portanto, se estás para fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta diante do altar, vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, depois vem fazer a tua oferta". Como podia Irmã Clemência ficar no altar, aos pés do Senhor Jesus Sacramentado, ao fazer a oferta do seu dia de trabalho, sabendo que um paciente seu estava insatisfeito com ela?

O remédio para fazer como diz o Evangelho: "O Reino do Céu exige violência sobre si mesmo". Teve, então, que deixar para trás o comodismo, renunciar se a si mesma e humildemente buscar o perdão.

Se a ação sem oração é arrogância, a oração sem ação é hipocrisia. As duas virtudes têm que andar juntas. Esta foi a meta de Irmã Clemência: oração, ação e humildade. Viveu como uma pessoa humana, espiritual e solidária, até o último dia de sua vida. Na cidade de Baturité, todos que a conheceram têm a contar um ato de relevância social e espiritual praticado por ela.

Não é sem razão que o Dr. Alcino diz: "Conheci uma sucessão de atos da Irmã Clemência executados por amor". O mais importante é que tudo o que fazia não era para se promover diante do mundo, mas tão-somente pelo amor de Deus e do próximo sofredor. Analisando o desenrolar do potencial humano, social, moral e profundamente espiritual da Irmã Clemência, encontramos-la justamente no Sermão da Montanha, nas Bem-aventuranças, onde ela se reabastecia constantemente. E isso sempre lembrava, ao dizer: "Meu filho, bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus". Ela pronunciava com muita firmeza de alma as palavras categóricas do Senhor Jesus, e com muita fé e humildade, to- do o seu ser físico e inteligente as punha em prática, fazendo delas a mais bela oração: a ação concreta, servindo ao católico, ao protestante, ao rico, ao pobre, ao preto, ao branco e ao incrédulo.

Uma presbiteriana fervorosa, de nome D. Assis, dizia: "Na minha frente ninguém fala mal de Irmã Clemência! Se as pessoas do mundo fossem iguais a ela, o céu iria ficar cheio de santos, conforme Deus quer. Eu me sinto bem quando ela chega perto de mim ou quando vem à minha casa."

Dezenas de pessoas contam que, quando doentes, ao chegarem perto sentiam que fugiam para sempre os maus pensamentos, o ódio do coração procuravam os Sacramentos o mais rápido possível, levando uma vida cristã.

Irmã Clemência viveu plenamente o Sermão da Montanha, juntamente com os pobres, indigentes, mendigos e doentes.



Antigo Ambulatório da Irma Clemência, até hoje conservado, onde ela sacrificou toda sua força física, por amor a Deus e ao pobre desvalido



Irma Clemência, materialmente pobre, mulher pequena e franzina, doente de dia bete e de pressão alta, mesmo assim foi um desafio aos órgãos públicos estadual e federal, dando um exemplo cristão retumbante à posteridade, de amor e serviço social ao ser humano, sobretudo aos mais humildes e sofredores. Vemo-la, na cabana de um pobre, distribuindo alimento, remédio e levando a palavra de conforto espiritual. Mesmo na dor e na pobreza em que cada um se encontrava, a sua presença era como que um bálsamo que tudo cicatrizava. Deus é justiça. Por isso esperamos que, num futuro bem próximo, a Santa Igreja se pronuncie sobre a serva de Deus e mãe dos pobres, das crianças órfãs e dos desvalidos. Ornada pelos dons do Espírito Santo, a exemplo de Maria, fez-se escrava dos pobres, e eles foram seus Senhores e Mestres

O AMBULATÓRIO

No Ambulatório, dirigido pela Irmã Clemência, encontrava-se grande variedade de medicamentos por ela conseguidos à custa de muito suor e lágrimas, nas suas andanças pelos laboratórios.

Naquela época, entre 1950 e 1955, circulavam dois trens entre Fortaleza e Crato, isto é, subiam dois comboios para Crato, sul do Ceará, e dois desciam, cada dia, para Fortaleza.

O primeiro, com destino a Fortaleza, passava por Baturité às cinco horas da manhã. Para apanhá-lo, Irmã Clemência saía do Patronato a pé para a estação ferroviária, que ficava bem distante. Chegando à Capital, nem sequer se dirigia primeiro ao Colégio, onde se hospedava de costume. Da estação ganhava a rua com sacolas nas mãos, pedindo contribuições de porta em porta, nas casas de comércio, a começar pelas distribuidoras de medicamentos. Ainda de porta em porta corria aos consultórios médicos, para conseguir as amostras grátis a eles oferecidas pelos propagandistas.

Nessa via-sacra era, muitas vezes, humilhada, recebida com grosseria.

Certa vez, quase ia sendo atropelada por um automóvel. Ela caminhava no centro da cidade com suas sacolas pesadas de remédios. Nisso, um automóvel estacionou aos seus pés, parando violentamente. O dono do veículo, muito nervoso, reconheceu que ela não fora culpada pelo acontecido que, felizmente, não teve consequências. Fora o Anjo da Guarda que a protegera. Era desse modo que, ao voltar a Baturité, conduzia de tudo para o seu Ambulatório, fonte de vida para muitos.

A ESCRAVA

Nessa sua preocupação de bem servir, tornou-se, de coração, escrava do próximo, dedicando-se toda para todos. Voltando ao Sermão da Montanha (Mt.5,7-8), na verdade, Irmã Clemência foi uma pessoa misericordiosa. Chorou com os pobres, com eles era solidária na dor e com eles alegrava-se, quando os via satisfeitos. Tratava-os com muito amor e carinho nas suas diversas enfermidades. Estava à sua disposição a qualquer hora do dia ou da noite, como uma mãe boa e santa faz com os filhos. Procedia prudente e mansa para com todos, como se deles dependesse a sua vida. Como uma escrava submissa aos senhores, assim também era ela, na qualidade de humilde Filha de São Vicente de Paulo, trabalhou para os pobres, como fazia seu bem-aventurado fundador.

Aliás, era São Vicente quem dizia: "Como são terríveis os pobres, quando os tomamos como senhores e mestres. Passamos a dever-lhes tudo e passam eles a tudo depender de nós".

Irmã Clemência não fugia às diretrizes da regra. Para servir aos seus pobres, teve que andar esmolando, na canseira e com humilhações. Muitas vezes eles a tratavam como se fossem seus patrões, dirigindo-lhe reclamações e grosserias. Mas, isso não a desanimava, pois, na verdade, ela os tinha como seus senhores.

Enquanto isso, mais e mais, ia aumentando a labuta no seu Ambulatório. Assim, na década de 1950, com o aumento da população na cidade e arredores, também cresciam as levas de necessitados que apelavam para seus cuidados e suas atenções caridosas. De sorte que ia crescendo o número dos seus senhores, sobrecarregando-a cada vez mais de trabalhos, com pedidos que ela recebia como ordens e, portanto, com obrigações de serem atendidos.

Certo dia, um senhor que estava apreciando aquela faina prodigiosa da franzina religiosa, perguntou-lhe se não estava cansada com tanto trabalho, às voltas com tantos doentes e portadora de tantas doenças, e isso totalmente de graça. Ela respondeu: "Essa é uma das tarefas da Irmã de Caridade e eu seria Irmã de Caridade dez vezes. Nós somos escravas dos pobres".

A ENFERMA INCANSÁVEL

Em fins de 1952, Irmã Clemência apresentava uma magreza estranha, além de um caminhar claudicante. A surdez, de que padecia, mais se acentuava.

A sua Superiora, Irma Sá, preocupou-se com o estado de saúde da Irma e disse-lhe, certo dia: "Irma Clemência, vou levá-la ao médico". Tendo ela aquecido, o doutor submeteu-a a prolongado e metucioso exame. Ao final, informou à Superiora que Irmã Clemência estava com diabete em alto grau e com um grande calo seco, resultado do uso da sonda que forçava o pé direito a suportar o peso do corpo. Assim, devia trabalhar o menos possível. Ao final disse: "Como esta mulher franzina e pequena deve estar sofrendo!" E, continuando, acrescentou não poder acreditar como vinha ela trabalhando tanto atacada dessa doença. Disse mais: "É um martírio a que poucas pessoas, mesmo robustas, resistiriam", pois: "Só uma pessoa santa assim agiria e pelo amor de Deus".

Após essa declaração do profissional da saúde, a Superiora achou por bem que ela deveria ser afastada daquela multidão, necessitada de assistência, para evitar-se uma trombose fatal, em face também do seu estado de hipertensão.

A Superiora, então, chamou-a e disse: "Irmã Clemência, a senhora deve trabalhar menos no Ambulatório e evitar pedir esmolas nas feiras. Pode fazer o que quiser e puder na comunidade, já se esforçou muito em sua vida". Irmã Clemência respondeu com um sereno olhar fito na Superiora, dizendo: "Sim, farei tudo o que a santa obediência determinar através dos Superiores, apesar de me sentir bem!". Deu uma boa risada e foi rezar na Capela.

Uma Irma chega ali de surpresa e a vê enxugando os olhos com um lenço, no qual calam lágrimas em abundância. Por certo procurava o Senhor Jesus Sacramentado para dizer-lhe que estava muito triste por não ficar mais como desejava, com os seus amados, os pobres, porque em cada um via o próprio Cristo.

A Irmã Superiora, sabendo que ela estava chorando, procurou-a e perguntou: "A senhora está doente, Irmã Clemência?" Ela respondeu com um sorriso meigo: "Não Mãe Soeur, apenas estou pensando no que será dos nossos pobres e doentes".

Toda a comunidade ficou naquele resto de dia emocionada e edificada por tão grande manifestação de virtude e heroísmo da companheira.

Irmãs muito idosas, e que ainda vivem, lembram que aquela lição da Irma Clemência foi para elas como que um grande retiro espiritual, fazendo-as refletir mais sobre a vocação de uma verdadeira Irmã de Caridade. A propósito, falou Irma Helena Pereira: "Irmã Clemência nos dava a maior lição e o mais claro exemplo de vida religiosa. Quando uma Irmã em dificuldade espiritual a procurava, ela a recebia como uma mãe orientadora e boa. Após ouvi-la, a Irmã se sentia fortificada, encorajada para enfrentar sua vida consagrada".

Enfim, a comunidade liberou Irmã Clemência para trabalhar como desejasse, porque viu que ela seguia os desígnios de Deus e seria até um pecado contrariar a vontade daquela santa.

Mesmo já idosa, com diabete, pressão alta, calo seco nos pés e atingida por uma grande surdez, continuava Irmã Clemência fazendo curativos numa multidão de enfermos

com feridas repelentes, aplicando injeções nas veias e nos músculos dos empestados de boubá, afetados de cravo ou goma, doenças estas originárias da boubá, deixando as pessoas por elas atingidas quase inutilizadas para o resto da vida.

Além da aplicação de medicamentos nos seus pobres, ainda dava a cada um deles uma sacola de alimentos, contendo vários gêneros, por ela arranjados, nos seus peditórios, com grande sacrifício.

Passava de segunda a sexta-feira no Ambulatório e, aos sábados, continuava a visitar os doentes em suas casas. Levava, também, palavras de conforto e esperança aos lares abastados, onde havia enfermos, e os incentivos à frequência dos Sacramentos. Para esses cristãos, bem situados na vida, era uma grande honra recebê-la em seus lares.

FORTE COMO O CEDRO DO LÍBANO

Era natural e justo que os membros do Educandário e Dispensário, a cargo das Irmãs de Caridade, a serviço dos pobres, uma vez por ano tirassem férias para visitar pessoas da família ou conhecidas de outras casas da Congregação, como, de fato, acontecia.

Disso nunca se aproveitou Irmã Clemência, A ausência dela no Patronato ocorria somente em princípios de janeiro, quando chamada a fazer o seu retiro espiritual de oito dias. A sua outra ausência, de quinze em quinze dias, verificava-se nas suas idas a Fortaleza para conseguir remédios para o Ambulatório e alimentos para os seus assistidos. No mais, todo o seu tempo era devotado somente à população carente que a procurava sem cessar.

A comunidade a tinha como mestra, porque, na verdade, era uma mulher experiente em questão de vida religiosa. As suas virtudes eram admiradas e se fa zia querida e respeitada desde a Superiora às postulantes.

Apesar da doença, nunca se queixou disto ou daquilo. Ao contrário, sem prese mostrava bem-disposta, incumbindo-se do tratamento de alunas e Irmãs jovens que adoeciam. Em tom amistoso dizia-lhes: "Vocês precisam trabalhar muito, pois assim ficam resistentes como eu". Em seguida, dava uma boa risada. Sua característica era a alegria constante e sempre pronta a desculpar quem a ofendesse.

A seiva daquele cedro era Jesus no coração, A ramagem verde e frondosa que apresentava era a bondade da Santa Mãe de Deus. Os que a ela se dirigiam eram acolhidos com efusão, dela recebendo com o pão material o consolo espiritual. Conheciam o fogo do amor e bebiam a água da vida eterna, a graça de Deus.

A Irmã Clemência era o cedro forte do Líbano, plantado na pequena cidade de Baturité, Estado do Ceará, no Nordeste brasileiro.

VIAGEM À CASA DO PAI

A ex camponesa, piedosa filha de São Vicente de Paulo, heroica Irmã de Caridade, sem pretensões maiores, antes submetendo-se aos desígnios da Providência, deixou piedoso legado, não somente em relação ao batalhão fiel a São Vicente e à fundadora, Santa Luísa de Marillac, mas a todos os bons cristãos como exemplos jamais esquecidos, sempre admirados e imitados, resumindo-se no maior dom, o da Caridade.

O peso dos anos e os trabalhos por amor ao Senhor Jesus agravaram-lhe a saúde e, de tal modo ficou ela abalada, que se fez necessário o seu internamento na comunidade. Aumentava a pressão arterial, tornara-se maior a surdez e o diabetes manifestando-se em alto grau, com tendência progressiva. Apresentava-se mesmo um pré-coma, com uma das pernas fortemente atingida pela gangrena. Isso exigia amputação imediata de um dos pés. Era, sem dúvida, parte de sua cruz na subida ao Calvário de sua vida extraordinária, buscando o senhor Deus para si e O levando para os outros.

Após a cirurgia, caiu em coma total e só conseguiu viver mais uma semana. Seu semblante era sereno e radiante, tal qual o de Catarina Labouré.

No dia 2 de julho de 1966, à uma hora da madrugada, serenamente, Deus a chamou para o Reino, elevada com as Asas Brancas da Caridade. A Igreja celebrava a festa da Visitação de Maria a Santa Isabel, Irmã Clemência completaria em agosto 70 anos, sendo 47 de vida religiosa.

Naquele dia, apesar de estar o Ceará enfrentando um ano de estio, amanheceu o céu como que matizado de capuchos de algodão. Era como se a natureza estivesse saudando com hosiânas aquela que conquistou a eternidade na paz do Senhor.

A notícia do falecimento da querida religiosa espalhou-se rapidamente por toda a cidade, distritos e adjacências. Velhos, adultos e jovens, de ambos os sexos, quer em casa, quer na rua, ao lamentarem seu passamento, diziam: "Morreu uma santa, santa mãe dos pobres, dos doentes, dos abandonados. Já está rogando a Deus pelos que aqui deixou órfãos da sua piedosa dedicação."

SEPULTAMENTO

Após o falecimento, suas Irmãs pesarosas a vestiram com o novo hábito azul, há pouco entrado em uso, em substituição à corneta esvoaçante e o conhecido traje da Irmã de Caridade. Houve missa de corpo presente na Capela do antigo Patronato, agora Capela do Hospital José Pinto do Carmo, seguindo-se o féretro, com grande acompanhamento da comunidade de Irmãs, alguns parentes, residentes em Fortaleza, numerosas famílias da cidade, além de uma multidão de pobres, para o Cemitério de São Miguel Arcanjo, sendo sepultada às cinco e meia da tarde, à esquerda de quem entra, em local modesto, de terra batida, numa sepultura rasa, tal como os pobres a quem muito amou.

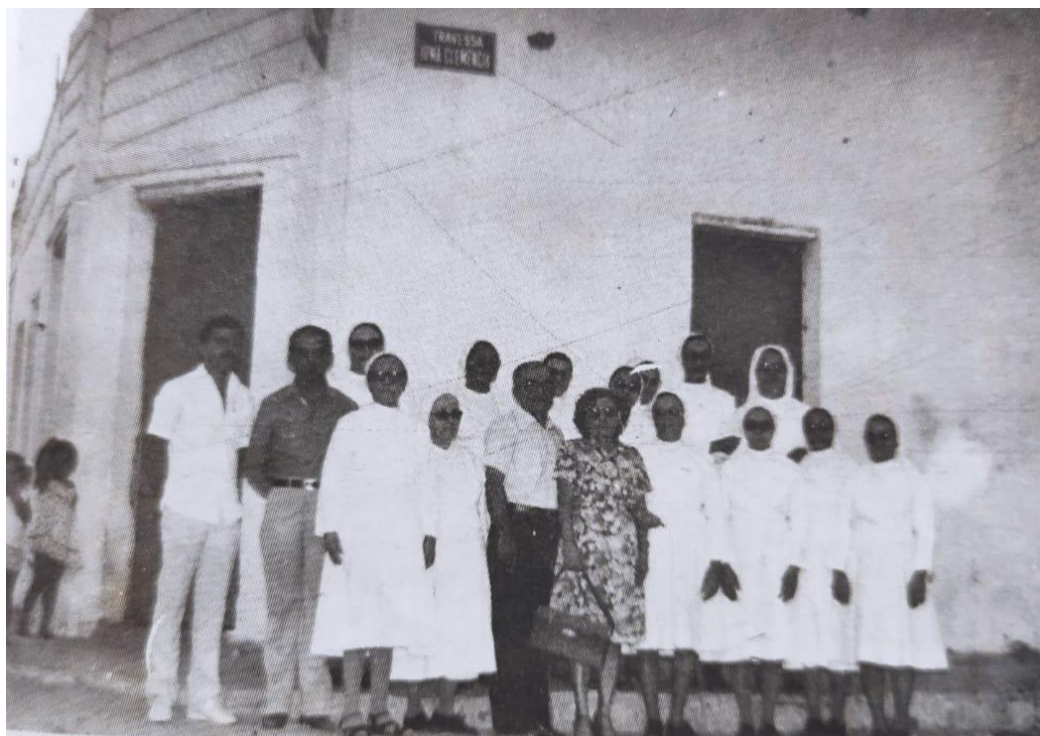


Foto tirada em dezembro de 1983, quando foi inaugurada uma rua com o nome de "Irmã Clemência" no bairro Rosário de Fátima, em Baturité-Ceará, com a presença da então Visitadora, Irmã Rita de Cássia Ramos de Vasconcelos, e de toda a Comunidade das Irmãs do Hospital José Pinto do Carmo



Foto do túmulo onde jazem os restos mortais da serva de Deus, o qual lhe foi doado 20 anos depois de sua morte pela família Cabral Severiano Ribeiro, ao ter conhecimento de que a grande Filha da Caridade havia sido sepultada, tal como os pobres a quem muito amou, em local modesto, de terra batida, numa sepultura rasa. Hoje o túmulo é visitado por muitas pessoas, que vêm dos mais diversos lugares

DEPOIMENTOS SOBRE AS VIRTUDES HERÓICAS DE IRMÃ CLEMÊNCIA

Em 13.12.1983 - Manaus - Amazonas

"Estou me sentindo feliz em poder dizer algo sobre nossa saudosa Irmã Clemência. O que mais me marcou em sua vida foi a sua profunda humildade. Basta dizer que um dia ela, bastante cansada de fazer curativos nuns, aplicar injeções noutros, durante a manhã toda, lá pelas 11 horas foi abordada por alguém que exigia um serviço fora de hora. Era um pobre homem que ela despachou sem atendê-lo. O homem saiu. Ainda bem não se tinham passado três minutos, Irmã Clemência arrependeu-se, saiu quase cambaleando pela rua, à procura do homem. Quando o encontrou, ajoelhou-se em plena via pública, pediu perdão ao pobre e voltou com ele para atendê-lo, conforme necessitava.

Foi um grande ato de virtude!

Irmã Clemência estava sempre disposta a pedir perdão a quem a sua consciência dizia ter ofendido, de maneira que o seu relacionamento com os irmãos sempre foi bom.

Quanto à sua dedicação para com os pobres, disso Baturité em peso, dos anos de 1950 a 1960, poderá dar provas, pois vivia para Deus e o próximo.

Sua vida de Comunidade foi sempre um exemplo de união, de paz, de fraternidade e amor ao regulamento."

Irmã Maria Amélia de Amorim Sá. Filha da Caridade Superiora de Irmã Clemência no Patronato Nossa Senhora do Livramento, de Baturité-Ceará, durante 9 anos, no período de 1947 a 1956.

Em 28.08.84 - Rio de Janeiro – RJ

"Irmã Clemência, em família chamada Benicinha, nasceu na cidade de Redenção-Ceará. Foi a primeira dos 14 irmãos. Seus pais, de classe média, eram ricos de temor a Deus e na prática de seus deveres cristãos.

No 14º filho veio a falecer sua santa mãe. Então, Benicinha teve sua vida inteiramente transformada. Tomou a direção da casa, com muita simplicidade e dedicação. Era de temperamento calmo, serviçal, piedosa, dando-se simplesmente a quem precisava.

Completando sua idade 18 anos, ela passou-lhe a direção da casa e a orientação de seus irmãos menores e ingressou na Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, fazendo seu postulado no Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza-Ceará.

Depois de seu noviciado, regressou para o mesmo Colégio, onde lhe foram confiados os ofícios da cozinha e costura.

Na cozinha deixou transparecer a bondade de seu coração, servindo a quem precisava, coisa que lhe era natural. Uma companheira, uma aluna do Colégio ou Órfã

que estivesse adoentada, fraquinha, Irma Clemência imediatamente a rodeava de carinho, procurando uma refeição melhor, sempre servida na despensa da cozinha.

Imã Henriot a nomeou para costurar o uniforme dos domingos e festas das pensionistas, uniforme lindo, exigindo muito trabalho e paciência da costureira Irmã Superiora, muito exigente, não perdoava qualquer defeito na costura. Notando qualquer erro, repreendia-a duramente. Ela baixava a cabeça, recebia humilde mente a reprimenda e, sem palavra de defesa, procurava reparar seu erro.

Duas de suas irmãs entraram, também, para a Companhia das Filhas da Caridade: Rosilda e Natividade. Irmã Rosilda (Rosa) foi colocada em Recife, no Colégio da Várzea, onde trabalhou com as meninas até a morte. Foi, também, um modelo de virtude. Chamava-se Irmã Vicência. Irma Natividade foi colocada no Hospital Central do Exército do Rio de Janeiro, onde faleceu repentinamente, no dia 14 de junho de 1971."

Irmã Anna Vasconcelos Ferreira

(Nascida em 1899 e tendo entrado na Companhia das Filhas de Caridade em 1921).

Irmã Maria Vasconcelos Ferreira

(Nascida em 1902 e tendo entrado na Companhia das Caridade em 1929).

Conterrâneas de Irmã Clemência e suas companheiras de comunidade no Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza Ceará.

"Conheci Irmã Clemência no Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza, Ceará. Considero-a uma Irmã semelhante às Irmãs do tempo de São Vicente simples, humilde e boa. Totalmente desprendida de si mesma, trabalhou longos anos na cozinha do Colégio, suportando o calor e o cansaço, sem uma queixa, numa completa disponibilidade.

Seu amor pelos pobres levou-a a aceitar a missão de Baturité onde, apesar de sua doença, se doou aos pobres plenamente e com alegria.

Se ela for beatificada, teremos mais uma prova de que Deus ama, de modo especial, as almas humildes e simples."

Irma Margarida Cola. Filha da Caridade

Companheira de Irma Clemência no Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza-Ceará.

“Fui com Irmã Clemência abrir a Casa de Pacoti, doada pela Dona Angelina do Pau d’Alho, no ano de 1933, casa bem humilde e pequenina, onde abrimos um Patronato para a juventude. Com material, sobrado do Colégio da Imaculada Conceição de Fortaleza, começamos logo uma modesta construção para que as alunas tivessem um local, um pouco maior, para suas aulas.

Irmã Clemência sofria de enxaqueca e sempre se acamava, porém amava muito os pobres e os visitava.

Lembro-me que um dia o chefe de polícia mandou chamá-la à Delegacia. Ele assustada se prontificou a atendê-lo e, ao chegar, foi-lhe pedido que fizesse um curativo num homem pobre que tinha o corpo aberto por uma facada e a pele pendurada, fora do seu corpo. Não havia na cidade nem médico, nem enfermeiro. Ela, que não era enfermeira, pediu a Deus que a ajudasse nesse ato de caridade. Ferveu uma agulha de costura, com uma linha enfiada, e costurou a pele do pobre homem. Deus a ajudou, pois não houve infecção nenhuma e o pobre ficou bom.

Quase diariamente era encontrada, ao lado da casa, fazendo ao ar livre, curativos de chagas asquerosas e tratando de outras doenças. Passei pouco tempo com ela, pois fui transferida para São Paulo.

Vinte e quatro anos mais tarde, colocada novamente em Fortaleza, tive oportunidade de ver Irmã Clemência em Baturité, já esclerosada e num quarto, com um portãozinho para não fugir, sem hábito, para a rua. Estava doente.

Transferida novamente, não a vi mais, mas tenho certeza de que a encontrarei na eternidade.”

Irmã Hermínia Mattos (Irma Vicência) - Filha da Caridade Fundadora com irmã Clemência do Instituto Maria Imaculada de Pacoti-Ceará.

Em 22.01.84 - Pacoti – Ceará

“Irmã Clemência foi uma verdadeira Irma de Caridade, portanto sua vida na Companhia das Filhas da Caridade foi conforme o espírito de nosso Fundador – São Vicente de Paulo. Criatura de grandes atos de caridade e humildade para os mais humildes deste mundo. Admirava-a muito pela maneira como trabalhava e tratava com igualdade a todos que a cercavam. Foi sempre está sua atitude.

Trabalhou muitos anos no Colégio da Imaculada Conceição, em Fortaleza, como dirigente da cozinha, cujos serviços eram feitos, naquele tempo, em fogão a lenha. Havia muitas internas. Notava-se nela a serenidade em servir a Deus, através do seu ofício, irradiando grande paz e amor.

Sentia-se a personalidade de uma santa, quando alguém a ela se solicitando qualquer coisa. O sorriso sobrenatural com que atendia era bem uma característica sua, da qual me lembro.

Coitada de Irmã Clemência, como trabalhou tantos anos naquele ofício tão pesado! Edificava a todas as companheiras de hábito pelas suas virtudes der obediência, grande caridade e vida de oração. Irradiava alegria, paz, luz e muita coragem para enfrentar tudo na vida.

Repito: Irmã Clemência foi uma verdadeira santa!"

Irmã Olga Ferraz. Filha da Caridade

Companheira de Irmã Clemência no Colégio da Imaculada Conceição em Fortaleza-Ceará.

Em 27.04.84 - Manaus – Amazonas

"Irmã Clemência, realmente, foi uma virtuosa Filha de São Vicente de Paulo, cujos exemplos ela seguiu. Foram nove anos de convivência que muito nos edificou pela sua esclarecida e madura piedade.

Sua dedicação e espírito de fé para com os pobres, os seus preferidos, eram sensíveis e cremos que levava muito a sério as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: 'O que fizerdes aos mais pequeninos dos meus irmãos é a mim que o fazeis (Mt. 31,40).

Todas as manhãs, das 7 às 11 horas, exceto domingo, estava em seu ambulatório a dar injeções, a fazer curativos e prestar socorros necessários a todos os que precisassem. Para os casos mais graves, vinha o Dr. Alcimo, a quem muito estimava, porque ele gostava também de servir aos pobres.

Ficava muito triste quando tinha que dar uma resposta negativa a alguém, mas, com toda humildade, procurava superar o mal-entendido, satisfazendo o cliente. E, foi assim que, certa vez, ela correu atrás de um pobre homem que saiu zangado, por não ter sido atendido, ao qual ela chegou, depois de uma certa distância, e, no meio da rua, ajoelhou-se, pediu-lhe desculpas e fê-lo voltar para receber o que lhe era necessário.

Além do Ofício do Ambulatório, cujos serviços eram gratuitos o Comendador Ananias Arruda e muitas outras pessoas ajudavam-na financeiramente, inclusive na manutenção do Patronato) tinha, ainda o Ofício da Capela, Com que amor ela adornava o altar e preparar a celebração da eucaristia! Era na comunhão diária que hauria a força necessária para curar as feridas, ainda as mais repelentes.

No seio de sua Comunidade religiosa era muito estimada. As suas irmãs recebiam dela os melhores exemplos de amor e vocação, na humildade, simplicidade e caridade. Era fiel a todos os exercícios da comunidade, nunca chegando atrasada, apesar de todo o seu trabalho no Ambulatório e na visita aos pobres da "Vila".

Não me lembro de ter ouvido de seus lábios alguma palavra de murmuração contra quem quer que seja. Era um bocado surda, mas não falava gritando com ninguém. Seu bom humor, sua jovialidade, seu constante sorriso facilitavam se bom relacionamento com todos e ninguém tinha receio de aborda-la."

Irma Maria Amélia de Amorim Sá. Filha da Caridade

Em 31.08.84 - Fortaleza – Ceará

"Assisti à morte da querida Irma. Foi muito tranquila e edificante. Morreu como viveu, amando a Deus e aos pobres.

Certa vez, no carnaval de 1958, quando as Irmãs iam a Missa, encontramos um folião, exageradamente fantasiado, que nos assustou. Ele ajoelhou-se aos pés de Irmã Clemência. O que aconteceu? Edificou-nos, segurando nas mãos dele, disse-lhe: "Meu filho, veja que você ofende a Deus. Volte para casa, peça perdão a Deus para poder ser feliz".

Seu testemunho de amor aos pobres fazia até milagres. Um dia, veio uma senhora à sua procura, com uma ferida fétida e asquerosa. Com seu excessivo cuidado, fazendo curativo a seu modo, curou a ferida desta senhora, que sarou e ainda vive, agradecendo a Deus".

Irma Maria das Graças Pereira (Irma Helena)

Filha da Caridade. Companheira de Irma Clemência nos últimos dias de sua vida, Reside atualmente na Casa Provincial, na Av. Desembargador Moreira, 2211-Fortaleza-Ceará.

“Ela sempre acolheu a todos com tranquilidade, sorridente e com o mesmo bom humor. Possuía profundo espírito de sacrifício, uma vida de oração fervorosa e muita dedicação aos pobres do Ambulatório.

Irmã Catarina Oliveira, Filha da Caridade,

Conviveu com Irma Clemência no Patronato Nossa Senhora do Livramento em Baturité-Ceará. Atualmente reside em Recife.

Em 31.08.84 - Fortaleza – Ceará

"Por ocasião da saída das Irmãs do Patronato Nossa Senhora do Livramento, chorei muito, Irmã Clemência disse-me: "Minha filha, tiraram-lhe Deus e os pobres? Não chore. O meu consolo é que eu fico com os pobres".

Irmã Antoinette Ibiapina. Filha da Caridade.

Companheira de Irmã Clemência no Patronato Nossa Senhora do Livramento em Baturité-Ceará. Serve atualmente na Casa de Nazaré em Fortaleza-Ceará, na Rua Padre João Piamarta, 465 - Montese.

Em 02.02.84 - Fortaleza – Ceará

"A Irmã Clemência foi uma santa. Mas não foi a única pessoa santa que eu conheci em Baturité. Tive dela impressão excelente desde nosso primeiro contato.

Foi ela que me fez ver a necessidade de levar o Ambulatório aos lares dos que não podiam ir lá."- Mas, disse-lhe eu, o Ambulatório é um hospital onde se tratam os doentes que se podem locomover até ele". - "Sim Doutor, mas há doentes que não podem vir aqui, respondeu ela. O senhor não acha que deveríamos ir até a casa deles, ao menos um dia por semana, Doutor?!."

Bem, não podia resistir. E às quintas-feiras fomos, eu e a Irmã Clemência, visitar os nossos doentes. Ela sempre me apreciou com entusiasmo e eu fui levado a fazer o que ela bondosamente queria.

O transporte das visitas das quintas-feiras havia sido cortado. E, sem transporte, as visitas tiveram que ser canceladas.

Um dia, recebi a visita dela em minha residência, no Hotel Canuto, onde eu morava desde que chegara a Baturité. Ela estava desolada. "- Eu vim aqui para pedir que o senhor continue a visitar nossos doentes. Eles precisam, Doutor!"

Irritado, exprobrei duramente o gesto do dono da viatura, aliás nada de confortável.

Irmã Clemência ouviu pacientemente o extravasamento do meu rancor. Eu não possuía a mesma grandeza d'alma de Irmã Clemência, ela, descobridora de virtudes, não condenava ninguém. Sempre dizia: "Deus é misericórdia!" E foi esta, também, a única vez que a desatendi.

Nos quase oito anos que passei em Baturité, conheci muitos santos. Irmã Clemência foi um deles."

Dr. Alcimo Cavalcante Aguiar. Médico generoso e humano, trabalhou em Baturité, al chegando em 1945, era o único que havia na cidade para atender as famílias da cidade e do campo. Trabalhou pelos pobres, no primitivo Ambulatório Santo Antônio, ao lado de Irmã Clemência, dando atendimento gratuito todas as quintas-feiras. Reside em Fortaleza-Ceará, na Rua Carolina Sucupira, 400.

Em 06.12.88 - Recife - Pernambuco

"Quando conheci Irmã Clemência, nos idos de 1950, desempenhava meu trabalho no distrito de Baturité, no ex Serviço Nacional da Peste, do Ministério da Saúde.

Encontrava-a, a princípio, no Ambulatório do Patronato Nossa Senhora do Livramento, que eu frequentava esporadicamente, a fim de atender um ou outro doente mais carente, ao se encontrar ausente o Dr. Álcimo Cavalcante Aguiar, médico desse ambulatório.

Com a ida desse médico para Fortaleza, passei a dar mais atenção aos doentes recebidos e, como era costume, passei a colaborar todas as segunda-feira para atender às pessoas que vinham do sertão e da serra.

Nos trabalhos que se desenvolviam nesses dias, passei a admirar Irma Clemência e ser testemunha da grandeza de sua alma, sua força de vontade em perseguir o bem, tudo envolvido por uma enorme bondade que já se originava no seu nome: Irmã Clemência.

Nas segundas-feiras, o Ambulatório ficava totalmente cheio e, na rua em frente, a pequena multidão fazia lembrar um comício eleitoral.

Nesses dias chegava ao ambulatório às 6:30, ou mesmo antes. Ao ver a pequena multidão e ao lembrar-me que tinha de examinar quase todos, apesar de ser pessoa tranquila, ficava atingindo de exasperação que só passava ao encontrar o agradável sorriso da Irmã, que me dizia:

- Dr., hoje é dia de muito trabalho.

E eu respondia:

- Não se pode recusar ninguém, pois vêm de muito longe.

Ela contestava:

-O senhor pensa como eu.

Os seus gestos e palavras irradiavam amor que contagiava a todos: a às três ou quatro moças que auxiliavam e aprendiam enfermagem com a Irmã.

E começava o rojão. Pelas 10:00 horas, a Irmã havia separado os casos de pequena cirurgia: panarícios, unhas encravadas, quistos sebáceos, sinais sus peitos de fratura de punho, antebraço, clavícula e corpo estranho no ouvido, nariz, olhos, etc.

Irma Clemência era portadora, nessa época, de uma surdez que, ao invés atrapalhar, me ajudava, pois não se perdia tempo com conversas que eram substituídas por gestos indicativos.

Pelas 11:00 horas, ela trazia um copo de guaraná para me estimular, o que, realmente, me espicava era o exemplo daquela freirinha, com o dobro minha idade, a trabalhar mais do que todos nós.

La pelas 14:00 horas, todos os doentes atendidos e com os remédios recebidos gratuitamente, graças aos esforços de Irma Clemência, despedir-me. Na rua, encontra à minha espera o motorista Nereu, com seu jipe da praça, que má Clemência havia chamado para me transportar à minha casa, enquanto ela iniciar a limpeza geral.

Depois que deixei Baturité e percorri outras terras deste Brasil e do exterior, a lembrança de Irmã Clemência fazia-me recordar aquelas palavras de S Paulo na Primeira Carta aos Coríntios: "Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, se não tiver caridade sou como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse os mistérios e toda ciência, mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, não tiver caridade, não sou nada. A caridade é paciente, a caridade é bondosa Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Nem escandalosa. Não busca de seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra coma injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, do suporta". Eis aí a Irmã Clemência.

Irma Clemência, quando a conheci, era uma pessoa de dimensão normal. Com o tempo, à medida em que a ia conhecendo melhor, sua estrutura se agigantava e, ao falar com ela e contemplá-la, instintivamente elevava a cabeça para abranger o seu espírito. E eu me sentia um ser insignificante.

Hoje tenho uma satisfação do tempo que passei em Baturité, tive aí o privilégio de ter conhecido uma Santa”.

Dr. Alberto Neves. Médico do Serviço da Peste. Sucedeu ao Dr. Alcimo Cavalcante Aguiar no Ambulatório dos Pobres, junto à Irmã Clemência com seus desvalidos de 15 1956. Mora na Rua Hélio Falcão, nº 549 em Recife-Pernambuco.

Em 06.01.84 - Fortaleza – Ceará

"É para mim motivo de satisfação recordar, com saudade, os gestos de uma Santa pessoa que só passou pelo mundo para fazer o bem, distribuindo mancheias a caridade a todos aqueles mais necessitados.

Poderia eu dizer que ela foi o anjo da caridade de Baturité, em fins da de cada de 50 e início da de 60.

Logo que cheguei a Baturité, nos idos de 57, fui logo sendo contagiado pela sua bondade e, assim, passei a dar consultas todas as sextas-feiras, em longos expedientes que duravam das 7:00 e se estendiam além do meio-dia, interrompido apenas para tomar um copo de guaraná que ela carinhosamente conseguia para o "seu Doutor", o que era motivo de grande prazer. Como ela nos tratava!

Era edificante acompanhar seu desvelo e devotamento pelos pobres. Baturité, naquela época, estava iniciando o seu moderno Hospital José Pinto do Carmo, tendo eu, com muito orgulho, sido seu primeiro Diretor, quando planejamos e executamos todos os seus serviços. Porém, nosso Ambulatório, antes do Convênio com o ex-Samdu, apenas funcionava para emergências, suprimindo assim o Ambulatório São José, pelo menos uma vez por semana, aquela lacuna.

Irma Clemência, durante a semana, se desdobrava na aquisição de produtos farmacêuticos. Eram amostras grátis que ela conseguia nos consultórios médicos e

laboratórios aqui em Fortaleza, pois tinha um jeitinho todo especial de fazer amigos e cativar pessoas.

Por longos anos trabalhamos juntos e, somente adiante, descobrimos que aquela santa mulher padecia de diabetes, o que lhe devia custar muito sacrifício manter toda aquela atividade.

Até que um dia, sempre chega um dia, fui chamado pela Irma Superiora da casa para ver Irmã Clemência que estava em pré-coma e com um dos seus membros inferiores fortemente atingido por gangrena, tendo nós, lá mesmo, na sua clausura, feito a amputação do seu pé, sem que a mesma desse o menor sinal de dor, e, após pouco mais de uma semana, ela recebeu o prêmio que Deus tem reservado aos seus eleitos. Ela foi escolhida no seio do Pai, após ter vivido na terra o espírito evangélico, cujo dom é o da caridade.

Dr. Antônio Carlos Santos Oliveira, Médico clínico. Sucedeu ao Dr. Alberto Neves, no novo Ambulatório São José, construído pelo Comendador Ananias Arruda. Foi o primeiro Diretor Clínico do Hospital José Pinto do Carmo, dirigido pelas F Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo.

Em Baturité – Ceará

"A juventude, no seu contexto maravilhoso de energia, vibração, empreendimento, descortinando caminhos de realização, nas definições de metas da vida, como anseio de realização humana, trouxe-me, na experiência, a figura nobre e digna de Irma Clemência.

Na busca de realização, como profissional de medicina, no contato com meu irmão Antônio Carlos Santos Oliveira, médico do Hospital José Pinto do Carmo, tive o privilégio de conhecer Irma Clemência, de testemunhar suas atividades, reflexo de uma elevada espiritualidade, enriquecidas pelas santificantes virtudes cristãs de humildade, caridade, amor a Deus e ao próximo.

Irmã Clemência foi, sem dúvida alguma, o exemplo concreto do Cristianismo em nosso meio, semeando o amor, a paz, a união, a fraternidade, clareando caminhos com a luz divina, contida em seu interior, ontem, para os que com ela conviveram e, hoje, nos depoimentos, no trabalho que virtuosos irmãos se propõem a elaborar e, no futuro, pela própria história.

O nosso preito de gratidão porque, como os demais, fomos beneficiários do reflexo da vida benemérita de Irma Clemência. Nada na terra acontece por acaso, e do contato humano fica sempre alguma coisa, assim, o seu testemunho de amor e dedicação ao doente marcou minha formação profissional, sobretudo na fase da juventude, quando normalmente nos espelhamos no exemplo dos adultos.

Reconhecido, portanto, pelo valor de tão relevante e exemplificante vida 6 que, com satisfação, deixo o meu depoimento, reverenciando a saudosa e inesquecível Irmã

Clemência e aplaudindo a ideia de irmãos que tomaram a iniciativa de, neste mundo de trevas onde predominam as manchetes de violência, tragédia e desamor, fazer aparecer esse exemplo de luz e de amor, preenchendo um pouco o vazio dos corações humanos, sedentos dessa paz que vem do Espírito, da harmonia interior consigo mesmo e com o Criador.

Dr. Raimundo Ivo dos Santos Oliveira.

Ainda acadêmico ajudou seu irmão Dr. Antônio Carlos Santo Oliveira, no Hospital José Pinto do Carmo, onde teve oportunidade de conhecer e conviver com Irmã Clemência. Hoje reside em Baturité-Ceará, na Rua Major Pedro Catão e é o Diretor Clínico do referido Hospital.

Em Baturité – Ceará

"Inúmeras vezes vinham pessoas até minha casa, da serra e do sertão, com problemas de doenças, grandes feridas, queimaduras e outras enfermidades.

Nessa época não havia outro recurso médico, senão o Ambulatório de Irmã Clemência. Muitas vezes levei doentes para se tratarem com ela, mas, quando chegavam, as fichas já estavam esgotadas. Irmã Clemência me olhava, com aqueles olhos de misericórdia e dizia: "Vou dar um jeitinho, seu doente vai ser consultado". Falava com o médico e encaminhava o doente. Se fosse caso de feridas ou queimaduras, ela mesma fazia os curativos.

Lembro-me de que, certa vez, chegou em minha casa uma senhora da serra com uma criança com as mãos queimadas. Levei-a imediatamente ao Ambulatório. Irmã Clemência, muito emocionada, disse: "Estou com muita pena, porque são queimaduras de 2 grau, caso de internamento e não tenho leito para isso." Então, me pediu que ficasse com a criança em minha casa e ela faria os curativos. Todos os dias era o primeiro curativo que fazia e, dentro de quinze dias, estava a pequena de alta. Com a mãe da garota, fui agradecer-lhe e ela, levantando os olhos para o céu, disse: "Foi Deus quem a curou, e não eu."

Casos como estes foram vários: pessoas quase sem jeito, com grandes queimaduras vinham de toda parte. Com todo carinho, Irmã Clemência fazia o tratamento e as pessoas se recuperavam.

Só tenho a dizer que Irmã Clemência foi uma Irmã que dedicou toda a sua vida a serviço dos pobres e, se ela não estiver no céu, ninguém mais se salvará".

Maria Lúcia Carneiro. Protestante da Igreja Presbiteriana. Morava em frente ao Ambulatório e, quando adoecia, Irmã Clemência era o seu médico, e o Ambulatório, sua farmácia. Antes de falecer disse: "Se Irmã Clemência não tiver sido uma santa aqui na terra e não estiver no céu, ninguém mais se salvará".

Em 17.10.84 - Baturité – Ceará

"Eu, Cicero Domingos Pinto, religioso da Igreja Presbiteriana, casado, natural desta cidade, a bem da verdade, perante Deus e os homens, tenho a dizer, alto e forte, que Irmã Clemência, foi em vida uma verdadeira santa. Era uma humilde freira, Irmã de Caridade, que, pelos seus atos de virtude, como: humildade, trabalho é caridade em benefício dos pobres e doentes de nossa terra, jamais será esquecida na história de Baturité. Dela, não se pode negar a vida que teve neste mundo, praticando e ensinando a regra evangélica da caridade, ensinada pelo próprio Jesus Cristo: "Que estreita é a porta, apertado o caminho que conduz à vida e quão poucos são os que acertam com ela." (Mat. 7,16).

Foi isso que vi na pessoa daquela humilde, sofredora e santa Irmã de caridade.

Minha santa mãe, profunda religiosa presbiteriana, tinha grande respeito e amor à Irmã Clemência, diante de sua grande caridade para com todos".

Cicero Domingos Pinto. Comerciante e agricultor em Baturité. Membro da Igreja Presbiteriana, atualmente bastante idoso, reside em Fortaleza-Ceará.

Belém, 24 de outubro de 1984

Nossa santa e querida Irmã Clemência

Lembro-me que o seu relacionamento com os seus queridos doentes era um grande ato de amor.

Chegava-se a sentir o respeito e o calor humano, que ela tinha para com todos. E ela repetia muito esta expressão: "Graças a Deus" quando os que ela havia tratado em seu humilde Ambulatório voltavam a lhe dizer que estavam completamente curados.

Outra coisa, que me chamava muita atenção, era o seguinte: Ela chegava a chorar, quando impossibilitada de sair, para ver os seus pobres e doentes, pois costumava visitá-los, levando alimentos e medicamentos.

Fora uma grande santa e heroína da caridade, que conheci, e com ela morei muitos anos, quando aluna do Patronato Nossa Senhora do Livramento em Baturité-Ceará.

Estefânia Santos Bessa. Antiga aluna do Patronato Nossa Senhora do Livramento no tempo de Irmã Clemência e, hoje, Professora de Ciências Físicas e Biológicas na Escola Militar da Aeronáutica em Belém-Pará, reside na Rua Antônio Baena, 99.

Em 18.01.84

"Dou graças a Deus de ter conhecido Irmã Clemência. Quando cheguei em Baturité, no dia 19 de janeiro de 1954, vinha eu de terras longínquas que me deturparam e enegreceram minha cabeça, deixando-me corrompido.

Nesta situação é que conheci minha querida e admirável Irma Clemência. Chegávamos eu, meu pai e os auxiliares para comerciar em Baturité. O nosso Comércio consistia nas feiras. Terças e sábados eram os dias normais para irmos a Baturité e vendermos nossos artigos, nossas mercadorias.

Era comum a Irma Clemência, nesses dias, ser a nossa cliente, não para comprar, e sim, para pedir ajuda para os seus pobres, dividindo com os menos afortunados toda a sua felicidade. Nesses contatos, contava-lhe eu os problemas da minha vida. Ela de nada ficava surpresa. Era como se fosse minha confidente, minha própria mãe. Ela me ouvia.

Como disse no início, eu havia vindo de outras terras e trazia dentro de mim muita maldade. Meu coração estava cheio de infortúnio, de coisas más da própria vida. Fiz da Irmã Clemência minha salvadora. A ela devo minha recuperação, minha felicidade. Se não fora Irma Clemência, teria caldo na mais obscura infelicidade, minha vida teria se tornado a mais impura.

Irma Clemência, preciosa criação de Deus, pelos seus ensinamentos, suas palavras eloquentes, transformou minha alma, pondo-me curvado humilde mente aos pés do Divino Mestre. Nunca mais deixei de amá-lo e agradecer-lhe. Hoje, sinto-me outro homem e trago, dentro de mim, o mais precioso dos Tesouros: Deus, Deus e Deus...

Aprendi a ser caridoso com Irma Clemência. Consegui por ela, afugentar do meu coração a maldade, respeitando o meu irmão. Não fora a Irma Clemência, eu teria naufragado no mar tempestuoso da vida e hoje não seria o que sou. rep dizer, com toda a força de minha alma, tudo o que sou devo penhorado à minha querida e venerada Irmã Clemência.

Hoje, nesse mundo corrompido pelas más leituras de revistas pornográficas, pelas apresentações de novelas indecorosas, noticiários a toda hora pela TV, rádio e jornais, que giram em torno do ódio, egoísmo, ganância, prepotência do homem contra o próprio homem, coisas negativas para adultos e, especialmente, para os jovens, futuro de nossa Pátria, é de bom augúrio que a vida de nossa Santa Irmã Clemência seja escrita e lida, para que Deus toque no coração de cada leitor, fazendo que se volte para Ele".

Mariano Pires Lustosa. Ex comerciante lojista que muito ajudou Irmã Clemência nas suas andanças pelas ruas, pedindo esmola de porta em porta. Hoje, doente, reside em Fortaleza Ceará.

Em 05.05.84 - Baturité – Ceará

"Santa e Mestra - ter conhecido Irmã Clemência é um privilégio e ter com ela convivido, uma verdadeira bênção. Eu a conheci e com ela convivi.

A impressão que me deixou no espírito, a alegria de ter provado de sua amizade, jamais esquecerei; os ensinamentos que por ela me foram ministrados, os exemplos

edificantes de renúncia e amor, ainda hoje me acompanham e me são um verdadeiro lenitivo nas horas amargas da vida.

Nunca pude esquecer a sua figura, e jamais a esquecerei: fisicamente frágil, porém espiritualmente era uma fortaleza de amor e santidade. Seu trabalho no meio das populações pobres, e, por que não dizer carente de tudo, era o mais edificante possível, pois não só cuidava da alma, dando-lhes orientação crista, como saciava-lhes a fome, dando-lhes o pão e, não contente, muito especialmente em se tratando de mocinhas pobres, ensinava-lhes, com verdadeira mestria, artes domésticas, entre as quais: bordados, croché e outros trabalhos de agulha, cujo resultado das vendas servia para suprir as necessidades daquelas criaturas, evitando-lhes assim os caminhos escusos para a sobrevivência daquelas que nada tinham. Como foi nobre essa Irmã, não só aos olhos de Deus, distribuindo, ou melhor, repartindo os dons com que fora agraciada pelos poderes divinos, fraternalmente, como se antecipando em muitas obrigações sociais de hoje, em que a política vem se ocupando ou se redimindo de uma falta, procurando criar escolas profissionalizantes, amenizando os males da ociosidade e pobreza.

Além dessas qualidades da Irma Clemência, ela, também, enfermeira, sendo a precursora da assistência aos pobres doentes, criando um Ambulatório, o primeiro, para doentes pobres, aqui em Baturité. E, como era solícita e competente essa criatura nesses afazeres, cuja falta ainda é sentida e chorada por muitos era clientes seus que existem.

Aliadas essas últimas qualidades às primeiras citadas, vê-se que Irmã Clemência é uma estrela de alta magnitude, e nessa cidade não podemos visuar-lhe o brilho senão dos altares da santidade que bem fez por merecer.

Sua grande característica. "Não só dava o peixe, porém, muito mais, ensinava a pescá-lo", e, sendo uma mulher de constituição fraca, mas de forte personalidade cristã, cabe-nos rematar nosso trabalho com um pensamento de São Félix: Com Cristo, uma teia de aranha torna-se uma fortaleza; sem Cristo, uma fortaleza é apenas uma teia de aranha.

Maria de Lourdes Marinho de Oliveira. Farmacêutica, ex aluna de Irmã Clemência em trabalhos manuais, residente na Av. 15 de Novembro em Baturité-Ceará.

Em Baturité - Ceará

"Eu me considero uma relíquia viva de Irmã Clemência, relíquia viva por que as suas mãos benditas tocaram muitas vezes meu pobre corpo, quando eu ia doente ao seu Ambulatório, para tomar injeção, por ocasião de uma enfermidade que contraí. Ela me tratou durante um ano, gratuitamente.

Creio que Irmã Clemência está no céu, intercedendo por todos os aflitos Ambulatório só se via gente humilde e sofredora e calor humano, fazendo tudo para salvar a vida de quem aqui na terra, pois no seu atendia com respeito dela se valia".

Francisco Celestino do Nascimento. Residente na Rua Senador João Cordeiro - Baturité-Ceará.

Em Baturité - Ceará

"Em 1947, tive uma ferida do lado direito do abdômen, Fiz vários tratamentos no Posto de Saúde do Estado e não consegui ficar bom. Certo dia, minha mãe, Dona Margarida, me levou ao Ambulatório de Irma Clemencia para que ela visse tão horrível enfermidade. Ela achou muito grave e disse: "É uma ferida muito leia e grande, mas, com a graça de Deus e de Nossa Senhora, garanto que este menino vai ficar bom". Com um mês de tratamento, fiquei completamente curado".

Edmilson Alves Bessa. Residente nº 1060, em Baturité-Ceará.

Em Baturité - Ceará

"Em 1948, após o meu último parto, quando dei à luz a minha filha Valdelice, senti-me bastante doente. Resolvi ir ao Ambulatório de Irma Clemência, para que me consultasse. Após o exame, ela me aplicou umas injeções por alguns dias.

Fiquei preocupada com aquela enfermidade, diante das dores horríveis que sentia. Ela, com gesto de mãe, me acalmou dizendo: "Minha filha, tenha fé em Deus que você vai ficar boa". Orientou-me como devia fazer o tratamento e fiquei completamente curada, observando o que me ensinara. Hoje estou contando a história.

Durante a luta contra a doença, tive um sonho com umas mãos, cor de neve, que pousavam sobre mim, cuja beleza não sei descrever e fui conversar com Irma Clemência sobre o que significaria aquele sonho. Disse-me: "Minha filha, você teve um aviso de Nossa Senhora, da sua cura". De fato, eu afirmo: Irmã Clemência fez milagre em minha vida. É uma santa".

Rita Silveira Santos. Residente na Rua São Paulo, 978, em Baturité-Ceará.

Em 27.10.84

Lembro-me de uma cura feita em minha filha, pela Irmã Clemência. Uma prima minha, de seis anos de idade, foi acometida por uma grave infecção e ferimento em um dos dedos da mão direita. O pai a leva ao médico, e a resposta foi de que seria preciso

cortar o dedinho da criança. O pai, desesperado, lembrou-se da Irmã Clemência, que com o tratamento de um mês recuperou o dedinho. O pai, muito satisfeito, foi agradecer.

Ela respondeu: "Vamos agradecer a Deus, Ele foi quem me inspirou e ajudou."

A Irmã Clemência foi na terra uma segunda Catarina Labouré.

Ela veio ao mundo só para fazer o bem à humanidade.

Lindete Araújo

Canindé, 07 de abril de 1984

Meu testemunho sobre Irma Clemência

Minha esposa tinha partos difíceis: não havia naquela época hospital e muito menos enfermeiras em Baturité. A Irmã Clemência, ao tomar conhecimento da nossa necessidade, ia diariamente à nossa casa, sem ninguém procurá-la, espontaneamente, fazer tudo, aplicar injeções, etc., até vê-la completamente restabelecida.

Isto é, sem dúvida alguma, um grande ato social, humano e cristão, que merece destaque.

Por isso, digo com convicção: entre os santos anônimos que existem pelo mundo, a Irmã Clemência é um deles.

Manoel Caúla Lessa

Baturité, 13 de outubro de 1983

Clemência, disposição, perdão, indulgência, bondade, compaixão e amenidade.

Eu era rapazinho e pensava comigo: que a freira, Irmã de Caridade, vivia só para ser educadora, e após as aulas ia rezar. Mas a Irmã Clemência fora uma pessoa antes de tudo Santa, disposta, corajosa e valente, em busca de Cristo, através de sua obra social em Baturité. Quantas vezes eu a vi de joelhos, diante de doentes queimados, fazendo curativos, o que nos causava repugnância, entre tanto, aquela santa não torcia caminho e enfrentava tudo aquilo com a maior serenidade. Mas o mais importante é que aquele trabalho era gratuito e aí é onde está a grande pergunta: Por amor de quem ela fazia tudo aquilo? Por amor a Cristo.

Eu nunca me esqueço dela e por ela tenho grande devoção, para que junto a Deus interceda por mim e pela minha família.

Irmã Clemência, se ainda fosse viva, não só as suas mãos deveríamos beijar, mas ainda mais, com respeito e amor, deveríamos beijar-lhe os pés.

Baturité deve homenageá-la; esta atitude ficará para sempre na sua história cívico-religiosa.

Dário de Moraes Barros

IRMÃ CLEMÊNCIA "UM BOTÃO NA TERRA, UMA ROSA NO CÉU"

Lendo noticioso "**A Verdade**, de grande circulação, deparei-me com os relatos feitos por pessoas idôneas sobre a vida de uma pessoa muito humilde, muito santa e muito querida, que viveu entre nós deixando grandes exemplos de amor e de santidade e, por que não dizer, de santidade mesmo, coisa rara em nossos dias.

Diante destes fatos contados como testemunhos sinceros sobre uma vida edificante de santidade, cujos méritos, creio eu, foram recebidos por Deus do com coroas, era-me humanamente impossível deixar de dizer algo sobre Irma Clemência.

Tenho que usar nas mãos o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos ensina a sermos sinceros, pacíficos, a amar e sermos caridosos e 4 por isto que neste relato, humilde mas sincero, eu digo algo sobre a vida desta mulher admirável, Filha de São Vicente, e que se chamava Irma Clemencia.

De alto caráter, pessoa de grande senso, mesmo diante de qualquer adversidade, ela conseguia, com aquele seu "jeitinho" bondoso e afável, captar as amizades, o interesse pela obra grandiosa a que se destinava sua vida - "fazer o bem e espalhar com raio de luz o bem próprio das almas elevadas e santas".

Irmã Clemência na verdade espalhava o bem, pois não media esforços para servir aos pobres e necessitados aos quais não sabia dizer um "não", mesmo que o caso fosse difícil ela dizia "com o auxílio de Deus há de se dar um jeito".

Era uma mulher admirável.

Com que dedicação atendia no ambulatório mesmo fora de horário deter minado, ainda na distribuição dos saquinhos com alimentos às sextas-feiras; era de muito admirar a chamada que ela fazia, sem auxílio de cadernos, chamando um a um pelos números, cujo total era numeroso.

Apareciam sempre no final os não-matriculados e ela sabiamente resolvia a situação dizendo: Você não é matriculado, coitadinho, mas vou dar-lhe uma ajuda concedida por Deus, fazendo sobrar dos outros para você e assim ia resolvendo a situação sem desgostar uma pessoa sequer.

Isto era edificante, era maravilhoso, a solução dos problemas para os quais ela dizia que sempre se dá um jeito com a ajuda de Deus.

Irmã Clemência era de uma caridade providente, simpática e agradável.

Com um sorriso nos lábios, que lhe era peculiar, não repreendia ninguém na presença dos outros, mesmo que o fato não fosse de seu agrado, sabia refrear sua vontade e por trás aconselhava para que tal fato não se repetisse.

Um fato que posso narrar com exatidão, pois passou-se entre ela, a moça que prestava serviços na cozinha e eu.

Foi o seguinte: ela saiu do ambulatório e pediu que a moça a e, a moça estava preparada para ir à rua e foi buscar o café, mas pela maneira como ela voltou, Irmã Clemência disse para mim: ela vai trazer o café, mas não com gosto; quando nos foi servido o café, ao invés de açúcar ela pôs o sal, tomamos o café e a moça interpela: Que tal o café? Imediatamente, sem comentários, Irma Clemência diz: estava ótimo!

Passados alguns minutos, encontro-me com Irmã Clemência e ela diz para mim: eu disse que não era com gosto que a moça ia buscar o café e na verdade foi de propósito, chamei-a e aconselhei-a dizendo que não era desta maneira que se tratava pessoas amigas, mas esta repreensão foi feita pela Irmã Clemência com tanta humildade e com tanta caridade que a moça tornou-se a melhor amiga da Irmã Clemência.

Inteligente, hábil e refletida, ela sempre empreendeu movimentos cartas vos e humanitários em benefício da pobreza angustiada; angariava remédios, amostras grátis para não faltar com suas consultas no Ambulatório, que era para de sua vida, pois fazia tudo para servir da melhor maneira o próximo, como um congregada modelo.

Às vezes, cansada, doente, mas sempre corajosa e ousada, não faltava com a sua obrigação de dedicar o tempo todo aos pobres, pois sempre dizia: hei de vencer, hei de ter muita paciência, muito amor e abnegação para com os pobres, pois nele verei sempre a Deus, lembrando sempre de que as palavras de Deus não passam, pois Deus disse: "Tudo o que fizerdes aos pobres a mim também o fazeis".

Quero neste testemunho expressar a verdade porque se eu negar a dar meu testemunho sobre a vida de Irmã Clemência, ficarei para o resto da vida frustrada e arrependida, pois o silêncio é covardia, falta de responsabilidade e de caráter.

Por isto sinto-me na obrigação cristã de anunciar àqueles que testemunharam Cristo através de um serviço tão nobre e santo, como foi o da Irma Clemência, filha da Caridade.

Maria de Lourdes Esteves, é formada em Pedagogia, pelo Instituto de Nossa Senhora Auxiliadora (Irmãs Salesianas) Baturite-CE. Reside na Fazenda Cajazeiras - Capistrano-Ceará.

IRMA CLEMÊNCIA

Arruda Furtado

Murilo Alves Bessa, comerciante na cidade de Baturité, Ceará, assumiu, espontaneamente, o feliz encargo de publicar as virtudes de Irma Clemência, Filha da Caridade, pois ela exerceu, em grau heroico, o seu apostolado vicentino naquela cidade, na década de 1950 e começo da seguinte.

No afã de exaltar essa grande Filha de São Vicente, Murilo tem tomado depoimentos preciosos, ouvindo as mais diversas e idôneas pessoas que conheceram de perto essa grande religiosa e atestam as suas preclaras virtudes.

Quem foi irmã Clemência, cuja peregrinação terrestre despertou tanta admiração da parte de suas superiores, de suas irmãs de hábito, de médicos, comerciantes e até mesmo dos pobres beneficiários de sua ardente caridade?

Trata-se de uma religiosa que procurou cumprir os seus votos com fidelidade, seguindo o conselho evangélico de buscar a perfeição.

Na vida em comum, no relacionamento com suas confradeiras, não se deixou contaminar pelo espírito de desunião que invade, às vezes, os próprios claustros. Segundo o testemunho da Irmã Maria Amélia Sá, sua ex superiora em Manaus, "sua vida de comunidade foi sempre um exemplo de união, de paz, de fraternidade e amor ao Regulamento".

Esse espírito de verdadeira religiosa, Irmã Clemência o recebia na oração constante, na sua comunicação e comunhão com Deus, fonte de sua vida interior, sem a qual não poderia ter realizado as suas atividades de apóstola e serva dos pobres.

A Irmã Olga Ferraz afirma que irmã Clemência "pautou a vida, na Congregação das Filhas da Caridade, conforme o espírito do Fundador, São Vicente de Paulo". E concluiu: "Ela é uma verdadeira santa".

Cuidava não apenas das necessidades temporais de seus queridos pobres mas também, e principalmente, de suas necessidades espirituais, tanto que um dos depoentes assevera: "Com ela consegui afugentar de meu coração toda maldade".

Trabalhando pelos pobres como enfermeira, como esmoler de medicamentos, comida e roupas, participando, até à exaustão de suas forças, na luta insana de atender aos mais necessitados, a quem tratava com carinho de mãe, Irmã Clemência fez jus ao reconhecimento de uma cidade inteira,

O seu apostolado vicentino não se mesclava com intuítos sectários ou ideológicos, não incitava à revolta, não estimulava a luta de classes, não era interesseiro ou demagógico. Tudo fazia para a maior glória de Deus, o bem das almas e o socorro dos desvalidos, sem fazer distinção de pessoas, tudo praticando com extrema humildade, qual antecessora de Teresa de Calcutá.

A Irma Clemencia bem merece o reconhecimento dos contemporâneos e a consagração da posteridade.

Dr. Francisco de Assis Arruda Furtado é advogado, técnico em administração e professor da Universidade Estadual do Ceará. Mora na rua Antônio Augusto, 1700 - 60110 - Fortaleza-Ceará.

IRMÃ CLEMÊNCIA

"Irmã Clemência Oliveira, uma santa de ontem, uma santa de hoje". A sua santidade não constitui somente em derramar lágrimas, em ajoelhar-se em via pública e pedir perdão a quem tinha "ofendido" com um "não". Sua santidade caracterizou-se ao caminhar ao redor da cidade sempre sorrindo, com sacolas cheias nas mãos em busca daqueles que se encontravam dentro de suas cabanas, nos leitos de dor e fome. Estes pobres recebiam de Irmã Clemência não somente o pão material, porém muito mais, o pão espiritual, consubstanciado nos gestos e nas palavras de conforto que sempre eram acompanhados de um sorriso cristão e amigo.

As lágrimas derramadas e seu ajoelamento em via pública foram efeitos cuja causa era a santidade baseada no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Você, caro leitor, já meditou ou experimentou em sua vida o conselho do Senhor Jesus que diz: Fazer ou dar alguma coisa ao seu menor irmão?

Dar alguma coisa ao pobre, ao doente abandonado, à viúva pobre, à criança que lhe estende a mão na rua?

Por acaso já deixou sua confortável mansão e, um domingo ou outro, foi ao presídio visitar os encarcerados?

Você já colocou algumas vezes seu confortável automóvel à disposição do seu vizinho doente e pobre para levá-lo ao hospital?

Existem, ainda, outros tipos de pobres que por certo vão tocar profunda mente seu ego. São os que lhe ofendem moral e socialmente no seu dia-a-dia; são os ricos arrogantes, prepotentes e soberbos, que não conhecem a grandeza e luminosidade da vida do Senhor Jesus Cristo, contida no Evangelho.

Tudo isso de bom Irmã Clemência praticou com a maior simplicidade de criança e com o olhar profundo de um sábio. Palavras, portanto, não explicam seus gestos e nem interpretam sua grandeza de coração.

Para encerrar esse depoimento, transcrevo, à guisa de da poetisa Francisca **Júlia A Uma Santa**.

Foge, sem ódio, ao mal: o bem pratica!
se a dor lhe dói, cuida-a gateza e boa,
ou faz então com que ela não lhe doa!
na pobreza em que está, julga-se rica.

O mal sabe que passa! o bem, que fica!
por isso o bem acolhe e o mal perdoa
quanto mais viva, mais se aperfeiçoa!
quanto mais sofre, mais se glorifica.

Por essa alta moral, os atos regra!
em nenhum outro esforço em vão se cansa,
por nenhum outro ideal se bate em vão!

e é feliz, mais feliz porque se alegra,
não com o pouco que com a sua mão alcança
porém com o pouco que já tem na mão.

PEDIDOS DE VICE-POSTULAÇÃO PARA A

CAUSA DE IRMÃ CLEMÊNCIA

Baturité - Ceará, 12 de janeiro de 1989

Irmã Maria Nilve Costa Lima Ferreira

D.D. Visitadora da Província de Fortaleza das Filhas da Caridade

Av. Desembargador Moreira, 2211 - Fortaleza-Ceará

A Comissão "Irmã Clemência" vem, mui respeitosamente, solicitar da senhora que seja criada a Vice Postulação para a Causa de Beatificação da Irmã Clemência, Filha da Caridade. Isso poderá ser feito junto ao Arcebispado de Fortaleza.

Os Vicentinos de Baturité enviaram a S. Eminência D. Aloísio, Cardeal Arcebispo de Fortaleza, pedindo que ele, junto ao Vaticano, interceda para que ela seja declarada Venerável, por ocasião da próxima vinda de Sua Santidade o Papa João Paulo II ao Brasil. Agora em janeiro, um teólogo jesuíta esteve conosco e acha que já deve haver aqui a Vice Postulação para a Causa da Serva de Deus.

A Comissão aguarda da senhora uma tomada de posição positiva no que lhe é solicitada com muita esperança.

Com muita estima e apreço.

Atenciosamente,

Murilo Alves Bessa

Astrolábio Batista

Miguel Edgy Távora Arruda Maria

Adelina Furtado de Arruda

Maranguape - Ceará, 22 de fevereiro de 1989

A Irma Diretora da Casa Provincial das Filhas da Caridade

Av. Desembargador Moreira, 2211 - Fortaleza-Ceará

Prezada Irma:

Em relação as fotos e cartas, visando à beatificação de nossa Santa Ima Clemencia Oliveira, F.C., e, ao mesmo tempo, fazendo um ato de amor à Santa Igreja, nossa Mãe e Mestra, a Sociedade de São Vicente de Paulo de Maranguape- CE centenária desde janeiro de 1988, representada por sua Diretoria abaixo ass- nada, vem, mui respeitosamente, solicitar da Irma Visitadora, da Casa Provincial, em Fortaleza-CE, que seja criada a Vice-Postulação para a Beatificação da ima Clemência Oliveira, F.C.

Atenciosamente agradece

A Diretoria

Presidente - Sandoval Félix da Silva

Vice-Presidente - Antônio Sérgio Moraes de Lima

1ª Secretária - Maria Zely Queiroz de Castro

2ª Secretária - Maria das Graças Santos de Oliveira

1º Tesoureiro - Francisco Chavier Vieira

2ª Tesoureira - Stela Capistrano Vieira

1º Conselheiro - Osmar Luiz da Silva

Baturité - Ceará, 30 de março de 1989

Reverenda Irma Visitadora

Fortaleza – Ceará

Graça e paz!

A Comissão "Irmã Clemência", juntamente com o Reverendíssimo Padre Francisco Germano de Oliveira, S.J., Vigário dessa cidade, vimos à sua presença Solicitar que seja criada aí, na Casa Provincial, a Vice Postulação para a Causa de Beatificação de Irmã Clemência Oliveira.

Agradecemos o pronunciamento positivo da senhora nesse sentido. Com todo apreço subscrevemo-nos atenciosamente.

Padre Francisco Germano de Oliveira S.J. – Vigário

Murilo Alves Bessa Astrolábio Batista

Miguel Edgy Távora Arruda

Maria Adelina Furtado de Arruda

Baturité - Ceará, 15 de junho de 1989

Reverenda Irmã Visitadora

Casa Provincial das Filhas da Caridade

Fortaleza-Ceará

Sinto-me, como Vigário e também filho desta cidade, com grata satisfação e alegria, no dever de pedir-lhe que fosse criada, na Casa Provincial, a Vice Postulação para a causa de Beatificação de Irmã Clemência Oliveira, Filha da Caridade.

A sua vida foi cheia de serviços prestados aos pobres, doentes e, principalmente, aos indigentes. Foi uma autêntica apóstola do Senhor.

Muito fraternalmente, subscrevo-me,

Padre Francisco Germano de Oliveira S.J.

Baturité - Ceará, 25 de maio de 1989

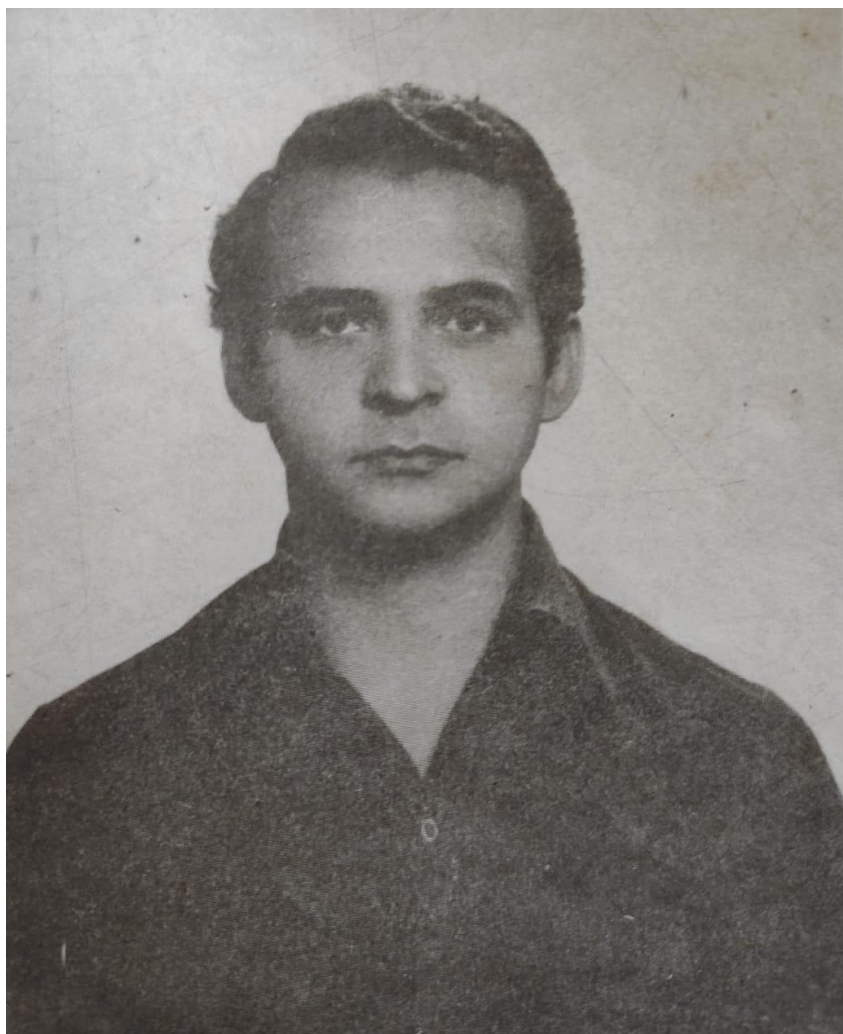
Irma Maria Nilce Costa Lima Ferreira

Casa Provincial das Filhas da Caridade

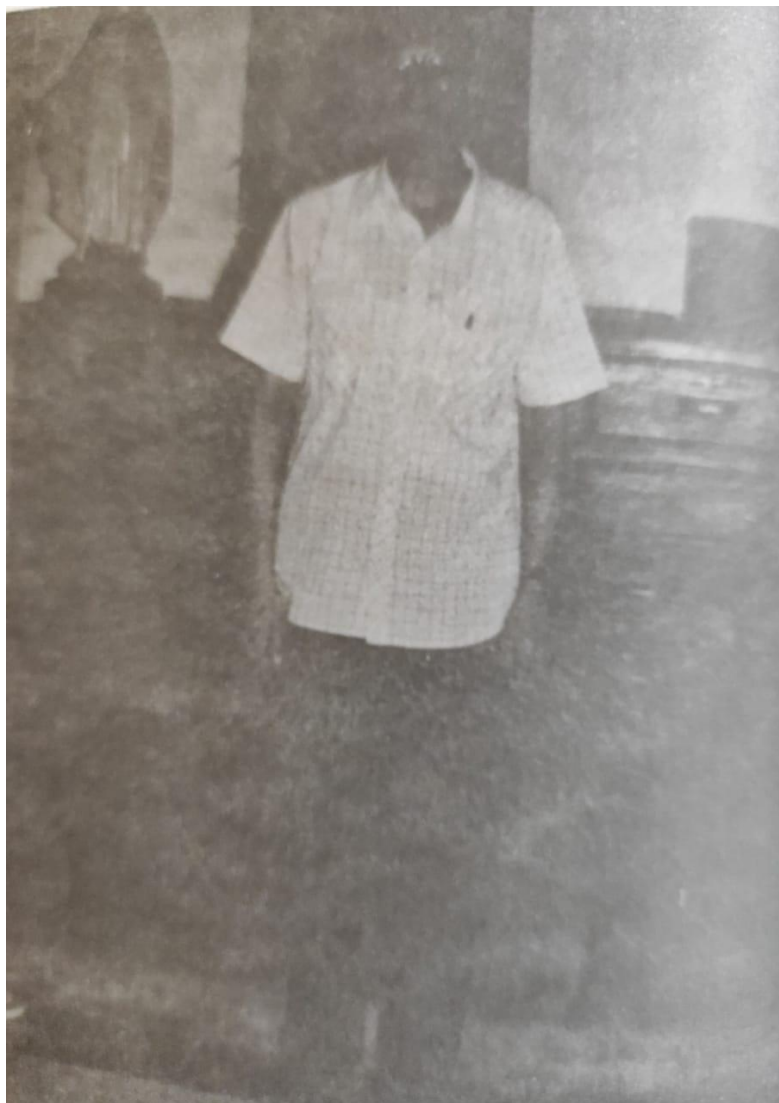
Fortaleza – Ceará

Como ex-Vigário desta cidade, tenho a satisfação de pedir-lhe que seja criada a Vice Postulação para a Causa de Beatificação da serva de Deus, Irmã Clemência Oliveira. Afirmando-lhe que abençoa a causa de nossa santa.

Padre José André Fayos S.J.



Padre Francisco Germano de Oliveira, S.J. - atual Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Palma, em Baturité-Ceará, cidade onde morreu santamente Irmã Clemência Oliveira em 02 de julho de 1966



Padre José André Fayos S.J. Ex-Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Palma de Baturité-Ceará, que, junto à Sua Eminência Cardeal Aloísio Lorscheider, deu o primeiro passo pela causa de Irma Clemencia

Mulungu - Ceará, 12 de junho de 1989

Irmã Maria Nilce Costa Lima Ferreira

Casa Provincial das Filhas da Caridade

Fortaleza-Ceará

Os Vicentinos desta cidade tomam a iniciativa de solicitar à Casa Provincial que se dê início em criar a Vice-Postulação para a Causa de Beatificação da serva de Deus, Irmã Clemência Oliveira, F.C. que faleceu em odor de santidade em 1966, na cidade de Baturité.

Aqui ficamos orando a Deus, juntamente com Jesus, Maria e o velho São Vicente para o êxito desta grande realização.

Atenciosamente,

Raimundo Freire da Silva – Presidente

Pedro Zenóbio Bezerra

Gabriel Ferreira Fraga

Raimundo Alves

Baturité - Ceará, 26 de junho de 1989

Revd^a Irmã Provincial das Filhas da Caridade

A Comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora, desta cidade, vem pedir-lhe que seja criada a Vice Postulação para que se torne, quanto antes, do conhecimento do Povo de Deus, a heroicidade da Irmã Clemência, F. C., incrementando, assim, o processo que a levará à honra dos altares.

Irmã Maria Socorro Tabosa

Irmã Maria Zulene Maciel

Irmã Ivanira Pires

Irmã Marcela Callope

Irmã Raimunda Ferreira

Irmã Aldenira Holanda

Irmã Mercedes Parisek

Irmã Francisca Suusa

Irmã Jocy Paula Cavalcante

Irmã Maria Emília Palmeira

Irma Lucília Gomes de Oliveira

(Seguem mais 25 assinaturas)

Baturité - Ceará, 28 de junho de 1989

Irmã Maria Nilce Costa Lima Ferreira

Casa Provincial das Filhas da Caridade

Fortaleza-Ceará

Como membro da "Comissão Irmã Clemência", caminhando à luz da razão e não por sentimentos do coração, acho por bem pedir-lhe o encaminhamento da Vice Postulação para a Causa de Beatificação de Irmã Clemência Oliveira que, com esplendor, testemunhou o Filho de Deus, servindo e mais servindo todos que a cercavam, tanto como portadores de dor física, quanto moral e espiritual.

Com estima, subscrevo-me,

Astrolábio Batista

Guaramiranga - Ceará, 28 de maio de 1989

Reverenda Irmã Provincial

Av. Desembargador Moreira, 2211

Fortaleza – Ceará

Na qualidade de vigário desta cidade, parte do Maciço da Serra de Baturité, tendo conhecimento e admiração pela venerável Irmã Clemência Oliveira, F.C., pela sua vida heroica de serviços aos nossos irmãos mais humildes: indigentes, pobres e doentes, tendo ela falecido santamente no Patronato Nossa Senhora do Livramento em Baturité, Julgando-a digna da honra dos altares, humilde mente, peço-lhe criar a Vice-Postulação para a Causa de Beatificação da Serva de Deus.

Ao enviar-lhe o meu forte apelo, aproveito a oportunidade para dar-lhe minha bênção sacerdotal.

Do humilde irmão e servidor em Cristo,

Frei Nazário de Oliveira de Souza, O.F.M.

Pároco de Guaramiranga-Ceará



Frei Nazário Oliveira de Souza, O.F.M. Pároco de Guaramiranga-Ceará, Guardião do Convento e Mestre de Noviços dos Frades Capuchinhos

Guaramiranga - Ceará, 02 de julho de 1989

Irma Maria Nilce Costa Lima Ferreira

Casa Provincial das Filhas da Caridade

Av. Desembargador Moreira, 2211

Fortaleza-Ceará

Nós, sacerdotes e religiosos do Convento dos Frades Capuchinhos, onde funciona o noviciado, vimos humildemente pedir-lhe que seja criada a Vice Postulação para a Causa de Beatificação da Serva de Deus, Irmã Clemência Oliveira, filha da Caridade, falecida em 02 de julho de 1966, na cidade de Baturité, com fama de santidade.

Irmã Clemência, como Filha da Caridade, levou sua vida toda trabalhando segundo o espírito do grande São Vicente de Paulo, o pai dos pobres. A sua bio grafia nos fala bem alto, ao vê-la unida a Deus pela oração e por um trabalho tão edificante, como foi o dela: servir, com carinho de mãe, os mais humildes, vendo neles o próprio Jesus Cristo.

Com estima e apreço, professamo-nos servos do Senhor.

Frei Nazário Oliveira de Souza O.M.F.

Frei Valfrido, O.F.M.

Frei Hermínio Bezerra O.F.M.

Noviços: João Batista da Silva

Francisco Rocha Nogueira

Francisco Antônio F. de Souza

Francisco José Soares

Raimundo R. Goes Tavares

Francisco Freitas de Sousa

Edva Ferreira Barros

Baturité - Ceará, 06 de agosto de 1989

À Visitadora das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo da Província de Fortaleza

Diante dos depoimentos dados por muitas pessoas que conheceram Irmã Clemência, dizendo ter sido ela uma verdadeira imitadora de São Vicente de Paulo, consequentemente imitadora de Jesus Cristo, chegando até a fazer milagres, nós que fazemos parte de sua família vicentina e morando na mesma casa onde ela habitou e atendeu por muitos anos aos pobres, com o verdadeiro espírito de uma Filha da Caridade,

não podemos, também, deixar de pedir que os nossos Superiores se esforce para que seja criada a Vice-Postulação para a Causa de Beatificação dessa verdadeira Serva de Jesus Cristo nos pobres

Irmãs do Hospital José Pinto do Carmo

Imã Eneide Silva F.C.

Imã Dildiná de Oliveira Altino F.C.

Irmã Cândida Cardoso F.C.

Imã Lufsa Nunes F.C.

Irmã Maria de Fátima Sousa F.C.

Irmã Maria do Carmo Barbosa F.C.

Irma Madalena Sales F.C.

Irmã Marta Rodrigues F.C.

Belém - Pará, 07 de agosto de 1989

Irma Visitadora das Filhas da Caridade

Casa Provincial - Fortaleza – Ceará

Na minha adolescência, como aluna do Patronato Nossa Senhora do Livramento, conheci Irmã Clemência, que trabalhava para os pobres e doentes.

Afirmo que foi uma santa que em vida conheci. Foi, naquela cidade de Baturité, Estado do Ceará, para cada pobre e doente, uma mãe santa e boa. A fim de aliviar o sofrimento de cada um, seu trabalho ia acima do horário normal, todos os dias.

Pela grandeza de sua ação social e espiritual jamais será esquecida do povo e este levá-la-á à posteridade como heroína da Caridade.

Diante disto, peço-lhe, pois, que seja iniciada a introdução da Causa de sua Beatificação, cujo primeiro passo é criar a Vice-Postulação.

Com todo respeito e estima, subscrevo-me

Cordialmente

Estefânia Santos Bessa

Redenção - Ceará, 02 de outubro de 1989

Revm^a Irmã Provincial

Av. Desembargador Moreira, 2211

Fortaleza – Ceará

Sendo atualmente Pároco de Redenção, tenho interesse que seja criada al a Vice Postulação para a Beatificação da Serva de Deus, Irmã Clemência Oliveira, F.C.

Foi ela a serva dos pobres, dos empestados na Serra de Baturité.

Que o Cristo Libertador e Maria Santíssima abençoem esta causa.

Com os melhores votos e cordiais saudações.

Padre Plínio José Luz da Silva

Pároco

Guaramiranga – Ceará

Os abaixo assinados, da Paróquia de Guaramiranga, vêm mui respeitosamente pedir à Casa Provincial das Filhas da Caridade que seja criada a Vice Postulação para a Causa de Beatificação da grande filha de São Vicente de Paulo, Irmã Clemência Oliveira, F.C., pois aquela humilde e virtuosa Irmã de Caridade trabalhou em Pacoti, sendo co fundadora do antigo Patronato (hoje, Instituto Maria Imaculada), onde deu provas de grande amor a Deus e ao próximo, trabalhando gratuitamente para os pobres doentes de chagas asquerosas e outras doenças repelentes, fazendo tudo aquilo ao ar livre, por falta de um pequeno Ambulatório. Faleceu santamente em Baturité a 02 de julho de 1966.

Alexandre Marinho Neto

Maria Zulene Gildo

Maria Luce Furtado Barbosa

Maria Terezinha da Silva

Maria Violeta Batista de Almeida

Ana Maria de Queiroz Farias João Maciel

Maria de Fátima Silva dos Santos

(Seguem mais 115 assinaturas)

**VICE-POSTULAÇÃO AUTORIZADA POR D. ALOÍSIO CARDEAL
LORSCHIEDER**

No dia vinte e sete (27) de fevereiro de 1990, Sua Eminência Dom Aloisio Cardeal Lorscheider, DD. Arcebispo de Fortaleza-Ceará, atendeu a uma solicitação do Conselho Vicentino Particular de Baturité-Ceará, autorizando a Vice Postulação da Serva de Deus, Irmã Clemência Oliveira - Filha da Caridade.

"De acordo Aloísio Cardeal Lorscheider

27-02-1990

Secretaria Arcebispado - Fortaleza-Ceará

Registro Folhas 192 - Livro XVII-D-1"

A Vice Postulação foi autorizada por Sua Eminência, sob o olhar e vontade de Deus e sob as bênçãos da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Quanto ao criá-la oficialmente, quem vai dizer é a Providência Divina.

"Não queremos nos antecipar ao julgamento da Santa Igreja. Fazemos ciente de que a vida de Irma Clemência, em toda sua caminhada, foi marcada por grandes e constantes atos de santidade e heroísmo cristão, indo além, muito além do amor. A Caridade".

O autor

HOMENAGEM PÓSTUMA DA CÂMARA DE BATURITÉ
À IRMÃ CLEMÊNCIA EM RECONHECIMENTO PELO QUE FEZ DE
BEM À NOSSA CIDADE

Em solenidade realizada na tarde do dia 8 de outubro de 1983 passado, no bairro "Rosário de Fátima", nesta cidade, foi oficialmente inaugurada a Travessa "Irmã Clemência", em cumprimento ao que determina a Lei Municipal nº 475, de 20 de setembro de 1979. O referido Diploma Legal é originário de um Projeto de Lei, apresentado à Câmara de Vereadores pelo nosso Diretor, então membro daquele Poder Legislativo, tendo por objetivo homenagear aquela que, durante os anos em que viveu em Baturité até sua morte, foi verdadeiro Anjo de Bondade como Filha da Caridade, espalhando o bem e dando conforto material e espiritual a todos, principalmente aos menos favorecidos. Ao ato estiveram presentes: a Irmã Rita de Cássia Ramos de Vasconcelos, Visitadora da Companhia das Filhas da Caridade para o Norte e Nordeste do Brasil, com sede em Fortaleza; a Irmã Ana Prado Gonçalves, Superiora do "Hospital José Pinto do Carmo" e demais Irmãs da Comunidade de Baturité, além de outras pessoas da cidade. Inicialmente, usou da palavra o Farmacêutico Murilo Alves Bessa, idealizador e grande batalhador da homenagem, seguindo-se o nosso Diretor, jornalista Miguel Edgy Távora Arruda que falou, em seu nome pessoal e como representante do Sr. Prefeito, discorrendo sobre a personalidade da Irmã Clemência e fazendo um retrospecto do Ato da Câmara Municipal que, obtendo aprovação unânime, foi sancionada pelo Sr. Prefeito de então, Dr. Marcelo de Holanda. Encerrada a solenidade, Irmã Rita de Cássia agradeceu a homenagem em nome da Companhia das Filhas da Caridade, declarando inaugurada a placa que, trazendo o nome de Irmã Clemência, homenageia, por igual, a todas as Irmãs que, desde a chegada a esta cidade, há mais de 40 anos, tanto fizeram por Baturité e por seu povo.

Capitão Miguel Edgy Távora Arruda. Jornalista e Presidente da
Fundação Comendador Ananias Arruda, residente em Fortaleza-Ceará.

**PENSAMENTOS DOS DEPOENTES SOBRE A PESSOA
DE IRMÃ CLEMÊNCIA**

01. Foi uma Santa que conheci.
Da Irmã Clemência, conheço uma sucessão de atos virtuosos, executados unicamente por amor.

Álcimo Cavalcante de Aguiar

Médico – Fortaleza

02. Ainda diante de faltas graves, ela não condenava ninguém.

Álcimo Cavalcante de Aguiar

Médico – Fortaleza

03. Poderia eu dizer que ela foi o Anjo da Caridade, em Baturité.

Antônio Carlos dos Santos Oliveira

Médico - Fortaleza

04. Ela foi acolhida no seio de seu Pai, após ter vivido, na terra, o Espírito Evangélico, cujo maior dom é o da Caridade.

Antônio Carlos dos Santos Oliveira

Médico – Fortaleza

05. Lembro-me que seu relacionamento com os pobres era um grande ato de amor.

Estefânia Bessa

Belém-Pará

06. Chegava-se a sentir o respeito e o calor humano que tinha para com todos.

Estefânia Bessa

Belém-Pará

07. Características desta grande santa, segundo pessoa de São Vicente de Paulo, em Baturité, foram: Humildade, fé em Deus, trabalho e Caridade em alto grau.

José Duarte Martins

Redenção-Ceará

08. Da Irma clemencia, o que mais me marcou em sua vida foi a sua profunda humildade.

Irma Maria Amélia Sá. Sua ex superiora

Manaus-Amazonas

09. Irmã Clemência estava sempre disposta a pedir perdão, a quem a sua consciência dizia ter ofendido.

Irmã Maria Amélia Sá. Sua ex superiora

Manaus-Amazonas

10. Irmã Clemência foi uma santa em vida, pelo amor e caridade que tinha para com os pobres.

Irmã Olga Ferraz

Pacoti-Ceará

11. Irma Clemência foi um marco importante, indestrutível, na história sócio religiosa de Baturité, pelo seu trabalho gratuito e fraterno aos humildes, visando ao bem de todos, à honra da Santa Igreja e à glória de Deus.

Murilo Bessa

Baturité-Ceará

12. A Irmã Clemência foi um verdadeiro Anjo de Bondade, como Filha da Caridade, espalhando o bem e dando conforto material e espiritual a todos.

Cap. Miguel Edgy T. Arruda

Baturité-Ceará

13. A Irmã Clemência veio ao mundo só para fazer o bem a humanidade.

Lindete Araújo

Baturité-Ceara

14. A irmã Clemência era uma piedosa mulher que vestida com o manto da caridade, sem distinguir raça e cor, dedicou-se inteiramente em benefício dos mais pobres e humildes.

Idelzuíte Valério

Baturité-Ceará

15. A Irmã Clemencia foi um Anjo da Pobreza, não medindo sacrifícios para minorar a dor do próximo, especialmente daqueles menos favorecidos da sorte.

Miguel Alberto Arruda

Baturité-Ceará

16. Irma Clemência era a "Mãe dos Pobres", porque jamais se negou a sacrificar se dia e noite, por aqueles que eram seus prediletos: os mais carentes, os mais pequeninos.

Alice Dantas

Baturité-Ceará

17. Todos os que se aproximavam de Irmã Clemência eram atendidos com amor dedicação cristã.

José Osório

Baturité-Ceará

18. Conheci Irma Clemencia desde 1945 até o dia de sua SANTA morte. Primeiro ela salvava o corpo, para depois salvar a alma.

Margarida Santos Bessa

Baturité-Ceará

19. Era uma freira pequena, porém enérgica, e, ao mesmo tempo, tinha o coração grande, como o oceano, pelas virtudes de que era dotada, come humildade, modéstia e amor ao próximo.

Margarida Santos Bessa

Baturité-Ceará

20. Ima Clemencia, aquela freira santa, plantou o bem por toda esta cidade, principalmente entre aqueles que mais necessitam.

Maria Luíza Bessa

Baturité-Ceará

21. A Irma Clemência foi uma preciosa e grandíssima criação de Deus. Com ela consegui afugentar, do meu coração, toda maldade.

Mariano Pires Lustosa

Baturité-Ceará

22. Irmã Clemência criou oportunidade de esparzir as flores de sua bondade, as virtudes de seu coração eleito, a disposição de servir e amar, lutar, sofrer por si e pelos outros, pedir, esmolar com santa dignidade, com o único e precípuo fim de servir, servir e mais servir.

Astrolábio Batista

Baturité-Ceará

23. A vida da Irmã Clemência neste mundo foi um canteiro de oração, de energia social, indizível caridade e amor ao próximo.

Murilo Alves Bessa

Baturité-Ceará

24. Entre os grandes santos anônimos que existem no mundo, a nossa benfeitora social, Irmã Clemência, é um deles.

Manoel Caúla Lessa

Baturité-Ceará

25. Irmã Clemência edificava todas as companheiras de hábito, pelas suas virtudes: obediência, caridade a qualquer pessoa e vida de oração.

Irma Olga Ferraz, F.C.

Pacoti-Ceará

26. A Irma Clemência, se ainda fosse viva, não só deveríamos beijar-lhe as mãos, ainda mais, com respeito e amor, beijar-lhe os pés. É uma grande santa a quem tenho devoção.

Dário de Moraes Barros

Fortaleza-Ceará

27. Caridade, humildade, fé e, principalmente, amor ao próximo, foram virtudes, Conhecidas por todos de Baturité, na pessoa de Ima Clemência

Cosme Alexandre Barros

Baturité-Ceará

28. Quando criança, conheci Irmã Clemência, pelas suas obras de serviços aos pobres e amor a Deus. Merece, realmente, um lugar de destaque nos Céus.

Luís Castelo Branco dos Santos

Baturité-Ceará

29. A Irmã Clemência para mim foi um verdadeiro São Vicente de Paulo. Salvou muitas almas, com a sua bondosa caridade.

José Lucas de Oliveira

Baturité-Ceará

30. Irma Clemência, em Baturité, foi "zelosíssima apóstola do Senhor". No seu Ambulatório recebia a todos com alegria, principalmente os mais desampara dos, por pior que fosse a doença.

Elizete Gomes de Oliveira

Baturité-Ceará

31. Por diversas vezes encontrei Irmã Clemência, por volta de duas a três horas da tarde, a caminho do Patronato, ainda sem almoço, atendendo aos pobres. Foi semelhante à Madre Tereza de Calcutá.

Lourdes Penaforte

Baturité-Ceará

32. Irma Clemência chegava a chorar, quando a impossibilitavam de sair para os seus pobres queridos que costumava visitar.

Estefânia Santos Bessa

Belém-Pará

33. Sua grande característica: Não só dava o peixe, porém muito mais: ensinava a pescá-lo. Uma mulher de constituição fraca, no entanto de forte personalidade

cristã. Remataria, dizendo como São Félix: "Com Cristo uma tela de aranha torna-se fortaleza; sem Cristo, uma fortaleza é apenas uma teia de aranha".

Maria de Lourdes Marinho de Oliveira Farmacêutica

Baturité-Ceará

34. Ter conhecido Irma Clemência é um privilégio e, ter com ela convivido, foi uma verdadeira bênção. Eu a conheci e com ela convivi, por uma porção de anos.

Maria de Lourdes Marinho de Oliveira Farmacêutica.

Baturité-Ceará

35. Irma Clemência foi, sem dúvida alguma, o exemplo concreto do Cristianismo em nosso meio, semeando amor, paz, união, fraternidade, clareando os caminhos com a luz divina, contida em seu interior. Ontem, para os que com ela conviveram; hoje, pelos depoimentos e pelo trabalho que virtuosos irmãos se propõem a fazer, o futuro, pela própria história.

Raimundo Ivo dos Santos Oliveira Médico.

Baturité-Ceará

36. Irma Clemência, trabalhando pelos pobres como enfermeira; como esmoler de medicamentos, comida e roupas, participando até a exaustão de suas forças na luta insana de atender aos mais necessitados, a quem tratava com carinho de mãe, fez jus ao reconhecimento de uma cidade inteira.

Francisco Arruda Furtado Advogado.

Fortaleza-Ceará

37. O seu apostolado Vicentino não se mesclava com intuitos setoriais ou ideológicos, não incitava à revolta, não estimulava a luta de classe, não era interesseiro ou demagógico. Tudo fazia para a maior glória de Deus e bem das almas.

Francisco Arruda Furtado Advogado.

Fortaleza-Ceará

38. Não me lembro de ter ouvido dos lábios da Irmã Clemência alguma palavra de murmuração contra quem quer que seja. Era um pouco surda, mas não falava gritando com ninguém.

Irmã Sá

Manaus-Amazonas

39. Seu bom humor, sua jovialidade, seu constante sorriso facilitava seu bom relacionamento com todos, ninguém tinha receio de abordá-la.

Irmã Sá

Manaus-Amazonas

40. A santidade se compõe de sucessivos atos de amor, porém a Ima Clemência praticou uma infinidade de atos heroicos, segundo o amor evangélico de Cristo.

Murilo Bessa

Baturité-Ceará

41. Irmã Clemência, na verdade, espalhava o bem, pois não media esforços para servir aos pobres e necessitados, para os quais não sabia dizer "não". Mesmo que o caso fosse difícil, ela dizia: "Com o auxílio de Deus há de se dar um jeito".

Lourdes Esteves

Capistrano-Ceará

42. Tomando nas mãos o Santo Evangelho que nos ensina a ser sinceros, pacíficos, a amar é que, neste relato humilde, mas sincero, eu digo sobre a vida dessa mulher admirável, filha de São Vicente de Paulo, que se chamava Irmã Clemência.

Lourdes Esteves

Capistrano-Ceará

43. Com um sorriso nos lábios, o que lhe era peculiar, não repreendia ninguém na presença das pessoas, mesmo se o fato não fosse do agrado. Sabia dominar se e, a sós, aconselhava a pessoa para que tal fato não se repetisse.

Lourdes Esteves

Capistrano-Ceará

44. Às vezes cansada, doente, mas sempre corajosa e ousada, não faltava com a sua obrigação de dedicar o tempo todo aos pobres, pois sempre dizia: hei de vencer, hei de ter muita paciência, muito amor e abnegação para com os pobres, pois neles verei sempre a Deus.

Lourdes Esteves

Capistrano-Ceará

45. Quero neste testemunho, sobre a vida de Irma Clemência, expressar a verdade, porque se assim não o fizer, ficarei para o resto da minha vida frustrada e arrependida, pois o silêncio e covardia é falta de caráter, Por isso sinto-me na obrigação cristã de anunciar aqueles que testemunharam Cristo, através de um serviço tão nobre e santo, como foi o da Irma Clemência, Filha da Caridade.

Lourdes Esteves

Capistrano-Ceará

46. Confesso que hoje sou uma mulher feliz, graças às sábias, enérgicas e santas orientações da grande Santa Irmã Clemência,

Estefânia Bessa

Belém-Pará

47. Foi esta freira santa um baluarte de trabalho, fé, humildade, caridade e exemplo de serviço social na cidade de Baturité.

Estefânia Bessa

Belém-Pará

48. Ela está entre nós, levando as nossas súplicas a Deus e trazendo, do Céu, as graças que pedimos com fé e humildade.

Estefânia Bessa

Belém-Pará

49. Aproximei-me dela, contei minha história e ela disse-me: "Vou dar um jeito para você vir estudar e ser uma criatura feliz na vida e fazer o bem a quem precisar".

Estefânia Bessa

Belém-Pará

50. A Santa Igreja, mãe e mestra, assistida e guiada pelo Espírito Santo, levará a alto e bom termo, muito breve, a Beatificação da Irmã Clemência Oliveira, F. C.

Murilo Bessa

Baturité-Ceará

51. Ao chegar ao Patronato de Baturité, encontrei Irmã Clemência já velha, mas edificava-me com o seu exemplo na Comunidade.

Irmã Maria das Graças Pereira

Casa Provincial das F.C - Fortaleza-Ceará

52. Se a Comunidade de Baturité, por negligência, silêncio, falta de reconhecimento, deixasse de anunciar o precioso trabalho que Irmã Clemência lhe prestou, as pedras nas quais ela pisou, criaturas inanimadas, em represália a tal ingratidão, levantar-se-iam e, com eloquência, entre o Céu e a Terra, falaria de todas as obras sociais que prestou até o fim de sua vida.

Um depoente

Baturité-Ceará

53. A santidade de Irmã Clemência não consiste em pieguice: porém, num trabalho de firmeza, que cuidava da criatura toda, primeiro sarar o corpo e, em segundo lugar, salvar a alma - trabalho de consciência e ideal cristão.

Um depoente

Baturité-Ceará

54. A atitude da Irmã Clemência, orando na capela, rezando o Santo Terço, seu olhar puro e angelical para o Sacrário, nos convidavam a uma conversão espiritual e uma grande perfeição cristã.

Um depoente

Baturité-Ceará

55. Na cozinha deixou transparecer a bondade de seu coração, servindo a quem precisava, com aquela grandeza que lhe era natural.

Irmã Thereza Ferreira. Sua ex companheira

Rio de Janeiro-RJ

56. Irmã Clemência tinha boa saúde, caráter sério, reflexivo, juízo reto: inteligente, embora tivesse pouca instrução. Foi notável sua aptidão para a costura, trabalhadora, ativa, piedosa e muito dedicada.

Arquivo da Casa Provincial do Rio de Janeiro, onde fez o noviciado

57. Uma companheira, uma aluna do colégio ou órfã que estivesse adoentada, procurando fraquinha, Irmã Clemência imediatamente a rodeava de carinho, uma refeição melhor, sempre servida na despensa da cozinha.

Irmã Zoé V. Ferreira. Sua ex companheira

Rio de Janeiro-RJ

58. Quando era repreendida duramente pela sua superiora, baixava a cabeça e humildemente, sem uma palavra de defesa, procurava reparar o seu erro.

Irmã Thereza Ferreira. Sua ex companheira

Rio de Janeiro-RJ

59. Mediante tão sérios depoimentos sobre a humilde pessoa dessa Religiosa, fico a pensar: Como Deus é bom, em nos apontar a sua serva como modelo, para qualquer estado de vida.

Um depoente

60. Possuía profundo espírito de sacrifício. Sempre acolheu a todos com tranquilidade, sorridente e de bom humor. Tinha uma oração fervorosa e muita dedicação aos pobres.

Irma Catarina Oliveira. Sua ex companheira

Fortaleza-Ceará

61. Por ocasião da salda das Irmãs do Patronato, eu estava chorando; então Irma Clemência disse-me: "Minha filha, tiraram Deus e os pobres? Não chore. O meu consolo é que eu fico com os meus pobres". O amor que ela dedicava aos pobres fazia milagres.

Irmã Antoinette Ibiapina. Casa de Nazaré

Fortaleza-Ceará

62. Certa vez, no Carnaval de 1958, quando as Irmãs iam à Missa, um farrista, fantasiado exageradamente, que nos assustou, ajoelhou-se aos pés da Ima Clemência. O que aconteceu? Ela nos edificou. Segurou nas mãos dele e disse: "Meu filho, volte para casa e peça perdão a Deus, para poder ser feliz".

Irmã Maria das Graças Pereira. Casa Provincial - Fortaleza-Ceará

63. "Jesus, eu desejo antes morrer do que vos ser infiel. Concedei-me a graça de vos amar cada vez mais".

Palavras de **Irmã Clemência**, na tomada de hábito (05 de dezembro de 1919)

64. Nossa Província tomará conhecimento da solicitação que nos fizeram, e permanecerá unida aos senhores pelo ideal de ver muito breve alcançar a glória da beatificação nossa Irma Clemência, humilde Filha da Caridade de São Vicente de Paulo.

Irmã Catarina Mourão.

F.C. - Rio de Janeiro

65. Dirigimos nossas preces ao Autor de todo dom perfeito e pedimos à Virgem Imaculada que interceda bênçãos especiais para essa tão árdua quanto consoladora tarefa.

Irmã Rita de Cássia Ramos de Vasconcelos. Visitadora

Fortaleza-Ceará

66. As suas lágrimas derramadas e o seu ajoelamento em via pública eram efeitos cuja causa era a santidade baseada no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Um depoente

67. Com a releitura da vida da Irmã Clemência, fiquei ainda mais empolgado com a Sua santidade, indiscutivelmente manifestada.

Dr. Luís Sucupira. Advogado - Fortaleza-Ceará

68. Hoje tenho uma satisfação do tempo que passei em Baturité; tive aí o privilégio de ter conhecido e convivido com uma santa.

Dr. Alberto Neves, Médico - Recife-Pernambuco

69. Nos trabalhos que se desenvolviam nesses dias, passei a admirar Irma Clemência e ser testemunha da grandeza de sua alma, sua força em perseguir o bem e tudo envolvido por uma enorme bondade que já se originava no seu nome: Irmã Clemência.

Dr. Alberto Neves. Médico - Recife-Pernambuco

70. Irmã Clemência era de caminhar manso e também de fala mansa. Ao caminhar parecia que flutuava; um dia perguntei-lhe se ela levitava.

Dr. Alberto Neves, Médico - Recife-Pernambuco

71. Ao meu ver Irmã Clemência era uma pessoa predestinada pela Providência. No tempo que a conheci, ela tomava conta da cozinha; o exemplo de humilhação e dedicação às coirmãs e a todo o pessoal da Casa se espelhava sobre todos, como o perfume das flores.

Irmã Catarina. O. F. M. Jacarepaguá - Rio de Janeiro-RJ

GRAÇAS ALCANÇADAS

Baturité, em 07 de agosto de 1988

Eu e a minha esposa viemos declarar a esta casa que no ano passado, em princípio de agosto, o nosso filho Carlos dirigia o nosso carro, quando apanhou de surpresa, uma senhora idosa (Dona Raimunda), sacudindo-a à distância. Apanhou-a e levou-a ao hospital.

Ela quebrou um braço e uma perna. Botava sangue pelo nariz, boca, ouvidos, etc. Um dos médicos que assistiu a ela disse: não a levem para Fortaleza. que não há jeito. Só milagre. Então tínhamos uma novena da Irmã Clemência: caímos de joelhos, pedindo a ela que intercedesse a Deus, pela cura de Dona Raimunda, que publicaríamos o milagre. Hoje, graças a Deus, Dona Raimunda está boa e sã.

Agradecemos a Deus e à caridosa Irmã Clemência.

Francisco Chagas da Silva

Laura Rodrigues da Silva

Baturité, em 26 de fevereiro de 1991

Agradecemos a Deus e a Nossa Senhora uma grande graça alcançada por intermédio de Irmã Clemência.

Nossa filha Clara de Assis apareceu com uma dor no pescoço e com muita febre e fastio. Levamos ao hospital, o médico passou medicamentos mas não houve resultado. Com dez (10) dias, levamos a criança novamente a um especialista do Hospital José Pinto do Carmo, em Baturité-CE, Dr. Luís Lima; ele examinou a criança, disse que ali não havia recurso, tínhamos que levá-la com urgência para o Hospital Alberto Sabin, em Fortaleza. Eu e meu esposo ficamos sem saber o que fazer mediante as nossas condições financeiras, Íamos viajar no dia seguinte a Fortaleza, quando meu esposo levou Clarinha à nossa alcova de dormir, onde tem uma foto da serva de Deus, e disse: "diga minha filha: Ó Irma Clemência! me cure!" ela olhou a santa e disse: "ela está no Céu? Logo fui ao cor meto do Dr. Fernando Lima Lopes, para me dar uma recomendação ao seu colega de plantão. Ele ouvi-me atentamente, e só fez me dizer: Traga a menina aqui com urgência. Examinou-a e passou quatro fraderminas pediátricas, um calcium sandoz e pronto.

Com três dias, estava completamente boa. Somos muito gratos à Irmã Clemencia.

Maria Nábia Lima Bessa

Murilo Alves Bessa

Baturité, em 03.03.1991

Nós da Comunidade das Filhas da Caridade do Hospital de Baturité, juntamente com a Comunidade Paroquial, que participava da Celebração Eucarística num domingo, tendo como celebrante o Pe. Andrade, assistimos ao vivo no dia 21/02/88, um depoimento muito forte sobre uma graça alcançada por intermédio de Irma Clemência.

A esposa do Sr. Ernane Aleixo Arraes, que mora em Recife, fez a seguinte declaração:

Em fevereiro de 1987, o Sr. Ernane teve dois enfartes e quatro paradas cardíacas, quando se encontrava hospitalizado. Depois de pouca melhora teve uma embolia pulmonar e foi esclarecido pelos médicos que o caso dele era irreversível. Uma médica chegou a falar que podiam preparar o enterro. O homem estava como morto. Neste momento, sua irmã que é Filha da Caridade, Irmã Iolanda Arraes, pediu à Irmã Clemência que por meio de uma prece intercedesse por ele, e pelos seus méritos, desse a vida a ele. E a Irma continuava rezando ao seu lado. Já fazia 24 horas que estava como morto. Enquanto ela rezava, viu que ele mexeu com os pés; daí em diante começou a dar sinal de vida e foi como que ressuscitando aos poucos. O certo é que ele ficou bom e até hoje não se hospitalizou mais, e está vivendo bem.

Então, a família, muito reconhecida e com espírito de fé, quis fazer uma Visita ao túmulo de Irmã Clemência e rezar uma missa em sua honra, para agradecer o milagre feito neste caso.

Irmã Eneide Silva - Filha da Caridade

TRÍDUO OU NOVENA

(Só para uso particular)

Ó S. S. Trindade, fonte de toda santidade e todas as riquezas temporais e espirituais, nós, confiantes e humildemente, vos pedimos a glorificação da Vossa serva Irmã Clemência que, pelo Vosso amor, soube testemunhar-Vos, servindo aos pobres, indigentes e doentes. Na observância das Regras de Sua Congregação, no Amor à Santa Missa, a Jesus Sacramentado e na sincera devoção à Virgem Imaculada viveu e morreu.

O Santíssimos Corações de Jesus e de Maria, concedei-me a graça que Vos pedimos, cheios de fé(.....) por intercessão de Vossa Serva, por Vossa maior glória e nossa perfeição cristã.

1 Ave Maria

3 vezes: Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de nós!

3 vezes: Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós!

Imprimir - 2-IV – 1984

Aloísio Cardeal Lorscheider

Arcebispo de Fortaleza